

Afonso de Santa Cruz

Antônio e Marcos
Cavanis



**OS DOIS
LEÕES DE
VENEZA**



Afonso de Santa Cruz

OS DOIS LEÕES DE VENEZA
(Antônio e Marcos Cavanis)

Reimpressão - 2019.

Primeira edição - 1993.

Edições Rosário - Curitiba-PR

Direitos Reservados

SUMÁRIO

Pg.

07	Três vezes “MARIA”
09	Amar como papai!
13	A primeira linha torta!
17	O último pedido do pai!
19	Marcado com o Amor de Deus!
21	O leão agoniza...
25	A espada raspa o chapéu!
29	A escola com um aluno!
33	Sairão muitos “pintinhos”!
37	Dois leões com um só coração!
41	O dia mais feliz da vida!
45	A nossa marca registrada!
49	Ela é do nosso tipo!
53	O demônio do cavalo branco!
57	Que festa é hoje?
61	Rezemos o ato de contrição!
65	Assaltando o céu!
69	A mais bela aventura!
73	Carisma de Gedeões!
77	O mendigo do meio-Dia!
81	Os Cardeais baratinados!
85	Se o Demônio existe...
89	Cadê as medalhas de ouro?!
93	O francês quase linchado!
97	Tiro pela culatra!
101	Sinos para Marcos!
105	Inseparáveis... no Céu!
109	A Caridade continua...
111	Os dois Leões de Veneza!
115	A Caridade chegou ao Brasil...
116	Sobre a Congregação (entrevista)
119	Oração para obter graças.

O Rugido dos dois Leões...

Os leões de Deus rugem... o primeiro leão, o Conde Antônio Cavanis:

**“Não tenho medo a não ser
das riquezas...
Só Deus é rico dum riqueza que
basta para tudo!**

**“Sei que as obras do Senhor devem
sofrer perseguições...
Por isso viverei mais tranqüilo,
havendo tribulações”**

**“Rogo a Deus que vos faça santos...,
mas não, basta, desejo
que vos faça grandes santos!”**

O segundo leão, o Conde Marcos Cavanis:

**“A felicidade dum homem depende totalmente
da virtude e muito pouco da ciência!”**

*Aparecendo diante do vice-Rei Ranieri, com
manchas na batina, padre Marcos Cavanis disse:*

**“Perdoai, Alteza, mas elas são as
insígnias do meu apostolado!”**

**“Sede constantes e vereis a ajuda
de Deus sobre vos!”**

*Que o Espírito Santo traga bem perto de nós cada
rugido destes leões no trajeto deste livro!*

Afonso de Santa Cruz

Três Vezes “MARIA”

Veneza! Norte da Itália, junto ao Mar Adriático. Veneza: a rainha dos mares em direção do Oriente. Veneza: a cidade das pontes abauladas. Veneza: onde as ruas são canais e os táxis são vaporzinhos. Veneza: onde o turista se orienta pela Catedral de São Marcos e o Palácio dos Doges. Veneza: que faz do Canal Grande a maior avenida aquática do mundo.

Veneza: gloriosa no passado. Veneza: guardiã da Igreja contra o avanço da Meia Lua. Veneza: de muitas igrejas, entre as quais a Igreja de Santa Luzia, martirizada no século IV e cujo corpo ressequido podemos ver num sarcófago de vidro.

Veneza: a ex-Sereníssima pelo poder e independência política, econômica e social. Veneza: que transmite um ar de leveza ao visitante e um desejo de voltar sempre. Veneza: onde os quarteirões são sacudidos pelas águas do Mar, por todos os lados.

Veneza: de muitas camadas sociais, sobressaindo-se os Doges e Condes. Estes eram Secretários do Governo e do Senado. Eram respeitados, por sua honestidade e juramento pela verdade. Sua nomeação era sempre sole-

ne e acompanhada de títulos honoríficos.

Um dos Condes respeitados, pelo ano de 1770, era o Conde João Cavanis, cujos antepassados vieram de Bérgamo e se instalaram em Veneza desde o ano de 1500.

O rei da Polônia, João Sobieski, cedeu aos Cavanis o direito de usarem o seu emblema régio. João Cavanis, tendo estudado filosofia e teologia, descobriu como companheira de sua vida a nobre dama Cristina Pasqualigo Basadonna.

Em questão de quatro anos o casal teve três filhos, que encheram de alegria o casarão dos Condes Cavanis na IUva delie Zattere. O Conde Cavanis escreveu no Diário uma alusão a cada um dos filhos.

Para Apolônia Beatriz Maria escreveu a sensação surpreendente de ser chamado pela primeira vez “*papai*”. A menina veio ao mundo no dia 30 de julho de 1770. Para o segundo filho, Antônio Angelo Maria, nascido aos 16 de janeiro de 1772, salientou que no momento exato de seu nascimento bimbalhavam os sinos da Igreja de Santa Eufêmia, defronte ‘a casa dos Cavanis. Quando nasceu o terceiro filho, Marcos Antônio Pedro Maria, no dia 04 de maio de 1774, o Conde João Cavanis es-

creveu: “Que o Senhor Deus abençoe e torne eternamente feliz este meu filho. Amém”.

Os dois meninos, por terem cada qual três ou quatro nomes, recebem o apelido de “*Tonin*”, O Antônio e “*Marchetto*”, o Marcos.

Numa coisa os três filhos são iguais: foi O propósito dos pais, devotíssimos da Virgem Maria. Aquela que carregou em seus braços o próprio Deus feito Homem, deve ser a super-mãe dos três por isso os três se chamam MARIA. Onde está Maria, a graça é sempre superabundante.

Amar como Papai!

As crianças do palácio dos Cavanis crescem a olhos vistos. Apolônia, caseira como a mãe. Antônio e Marcos disparando para dois lados opostos.

Antônio calmo, pensativo, reservado e até tímido. Marcos, extrovertido, irrequieto, ativo e imprevisível. Ambos se dão bem. Antônio aprende a tocar violino. Marcos tem rompan-tes poéticos. Aos quatro anos, Antônio estuda numa escola de religiosas. Marcos, já na infância, prefere um professor homem. O pai respeita, contanto que estudem.

Cada qual dos meninos recebe do pai um caderno, para anotar os acontecimentos de cada dia. Escrevem o diário. Aos seis anos de Antônio, entra em cena um sacerdote dominicano, como professor, que é o Pe. Joaquim Calderari. Aos nove anos, Marcos compõe e proclama poesias de própria autoria.

Aos onze anos, Antônio recebe a primeira Eucaristia, em 1782 e Marcos também aos onze anos, em 1785. O lugar é a Igreja de Santa Inês, onde foram batizados e onde o pai colabora com muita generosidade.

Além de dar aos três filhos o nome de

Maria, o Conde Cavanis escolheu para a celebração da Eucaristia uma festa mariana. Antônio, na festa de Nossa Senhora do Carmo. Marcos, na festa do Santíssimo Nome de Maria.

Os dois meninos sentem uma devoção crescente a Nossa Senhora. Pressentem que Ela os acompanhará até a longínqua sepultura. Enquanto Antônio continua ligado aos Dominicanos, que marcam a sua vida espiritual, Marcos optou pela orientação do Pe. Antônio Venier.

Mas o passeio mais gostoso que os dois meninos fazem cada semana, é com o pai, quando visita os pobres na favela esparramada pelos canais de Veneza. Quanto mais a Sereníssima República de Veneza ostenta suas riquezas e glórias passadas, tanto mais o contraste da miséria se aninha ao redor das mansões e palácios dos Doges.

O Conde João Cavanis leva os dois meninos, a cada semana, a vários casebres de pobres, distribuindo roupas e comida. Tonin e Marchetto Se entusiasmam com a alegria dos pobrezinhos, que lhes beijam as mãos com muita gratidão.

Na sua vivacidade de espírito, os dois

meninos estranham a gritante diferença social, que os rodeia, e bombardeiam o pai com mil e uma perguntas.

— Por quê existem poucos ricos e muitos pobres? Por quê Deus fez esta discriminação, se somos todos iguais, todos temos a mesma cabeça, os mesmos pés, as mesmas mãos, os mesmos olhos? Por quê se desprezam os pobres, que têm o mesmo destino do céu? Por quê as crianças pobres não vão estudar com os Padres Dominicanos ou com o Pe. Vanier? Que culpa têm eles?

Chegados em casa, os dois maninhos continuam filosofando sobre a desigualdade entre os homens. Eles querem saber quem tem a culpa. Não pode ser Deus, que deu tudo de graça. Alguém deve ser o culpado...

No fim da conversa, os dois pequenos filósofos chegam a um acordo. Se todos fizessem como papai, Veneza seria uma cidade mais justa, mais feliz e menos triste.

Num instinto de sintonia fraterna, ambos dizem quase a mesma frase: “Mais tarde, quero amar como papai... ele ama os filhos dos outros!”

A primeira linha torta!

Os filhos do Conde Cavanis progredem vertiginosamente na formação intelectual. Em contato com os Dominicanos, lendo especialmente e precocemente a “Suma Teológica” de Santo Tomas de Aquino, Antônio percebe que algo de superior está nascendo dentro de si.

A diferença interior se manifestou, quando, com o prestígio do pai, foi nomeado Secretário de Benedetto Trevisan, e isto com apenas 17 anos de idade.

Ele pesquisa o porquê de seu descontentamento interior, O emprego, por mais chances que lhe apresente para um futuro promissor, não favorece o sossego interior. Há um mal estar a seu derredor. Não consegue detectar. Percebe que o apelido de Sereníssima, dado à República de Veneza, não corresponde à realidade.

A classe alta e dominadora é corrupta e acomodada. Pensam que o passado histórico de 15 séculos de glória basta para garantir um futuro seguro, no meio das revoluções que estão desequilibrando a Europa, a começar pela França, com o irrequieto e megalômano Napoleão Bonaparte.

Antônio Cavanis é impelido para o alto.

Não sabe explicar este fenômeno. Vive um fastio do material. Uma decepção do passageiro. Um descrédito dos homens. Uma hipocrisia profissional. Mediocridade moral na classe política. Antônio Cavanis pressente que o leão de São Marcos, cochilando no alto do monumento na Praça dos Doges, está agonizando.

Antônio procura outro caminho em sua vida. Quer fugir das falsidades. Abandonar o cargo honorífico, enquanto a miséria o interpela em cada esquina. A simpatia pelos Dominicanos tornou-se uma atração irresistível para a vida religiosa.

A noite, enquanto a família está na sala de jantar, Antônio arrisca a cartada vocacional. Diz abertamente ao pai e à mãe, que pretende tornar-se religioso...

Antônio ouve o primeiro não na sua vida. Não esperava isto do pai, que é tão religioso, tão caritativo com os pobres. No seu desnorteio, Antônio acorre a um sacerdote famoso em Veneza, da Companhia de Jesus, de momento supressa pelo Santo Padre, sob pressão dos inimigos da Igreja e do Papa. Este sugere a Antônio de não se opor ao pai.

Aconselha-o a, se tocar novamente no assunto, propor apenas tornar-se sacerdote

diocesano, o que lhe possibilita muita ligação familiar. Mesmo assim o Conde Cavanis é irredutível. Não admite que seu filho sacrifique um cargo tão promissor.

Uma ciranda de perguntas gira na cabeça do jovem Secretário. Por que um pai, tão devotado à Igreja, não permite a vocação religiosa a seu filho? Por que Deus não intervém diretamente nas idéias do pai? O mandamento de Deus vale também para a vocação religiosa, que é um chamado eterno e divino: obedecer aos pais? Este assunto secreto é da competência de Deus ou dos pais?

Antônio coloca tudo nas mãos da Mãe do Céu. Se o pai consagrou seus filhos à Nossa Senhora, desde o batismo, ela saberá muito bem abrir os caminhos, na hora certa.

Meditando a cena da Anunciação do Anjo Gabriel, em Nazaré, Antônio vê a grandeza do sim de Maria, possibilitando-nos, a nós todos, a salvação eterna.

Agora, o não do pai, como dói! Será que Deus escreve certo por entre linhas tortas? Antônio Cavanis está vivendo a primeira linha torta em sua vida...

O último pedido do pai!

Aos 23 de novembro de 1793 falece o Conde João Cavanis, em Veneza. Além dos Doges e muitos Condes desfilaram também muitos pobres diante do seu corpo, que em vida fazia tanta caridade.

O leão de São Marcos, na grande Praça, ficou triste. Parece que ele também iria morrer em breve. Os Cavanis sempre foram respeitados em Veneza, por sua retidão e honestidade.

Quando a asma convulsiva lhe arrancou o último suspiro, o Conde ainda teve tempo de jogar seus olhos quase mortiços sobre a filha, a esposa e sobre os dois rapazes. Num último esforço, com os olhos fixos em Antônio e Marcos, pede, como se deixasse o seu testamento:

— Cuidem da mãe... não esqueçam os pobres!

Os dois rapazes se entreolham, como se Deus lhes impusesse uma incumbência para o resto da vida. Marcos sentia o olhar do pai, quando falava da mãe. Antônio sentiu-se atingido, como se fosse chamado pelo próprio Pai do Céu, para assumir os pobres que lhe caíssem nas mãos.

Formado pela Academia dos Dominica-

nos, Antônio tornou-se exímio filósofo e teólogo. Na Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino achou a explicação da verdadeira caridade. É a luz e os objetos iluminados, numa só realidade. Como é impossível separar a luz dos objetos, assim é impossível separar o amor de Deus do próximo. Assim também é impossível separar o efeito da causa.

João Cavanis vivia marcado pela caridade cristã. Levou a sério a frase evangélica, pronunciada por Jesus: “Se colocares uma oferenda diante do altar e tiveres algo contra o teu próximo, deixa a oferenda diante do altar e vai reconciliar-te com teu irmão!” Por isso a caridade não pode prescindir de Deus.

Antônio desculpa o pai, por lhe ter negado a partida para o convento. Certamente presenciou o desenlace próximo.

O pedido do pai moribundo será levado a sério. Antônio fará questão de amar os pobres como o pai os amava, como se fossem seus próprios filhos.

Marcos não vê dificuldade em realizar o último desejo do pai. Cuidar da mãe, vai bem ao encontro do seu instinto filial. Lembra-se que Jesus também amava muito a sua Mãe.

O Conde João Cavanis morreu relativa-

mente jovem, com pouco mais de cinquenta anos, Certamente a frase do supremo Juiz não o terá assustado: “Estive com fome..., e me des- te de comer!”

Antônio, com seus 21 anos de idade, deverá ser o chefe da família e ser o pai dos pobres. Quem sabe, dentro do desejo extremo do pai moribundo, esteja implicitamente incluído o “sim” para neutralizar o doloroso não de anos atrás.

O último desejo do pai reacendeu em seu coração, a vontade de se consagrar inteiramente a Deus e ao próximo, num mesmo e único impulso de caridade.

Marcado com o Amor de Deus!

Dona Cristina sente a ausência do marido, mas os filhos lhe tornam as horas muito agradáveis.

A mãe sabe que Antônio foi chamado por Deus e, quando Deus chama, entra em jogo a própria eternidade e esta ninguém neutraliza. Com a grande consolação de Marcos ficar com ela, Dona Cristina autoriza Antônio a seguir os estudos eclesiásticos e abandonar o emprego rendoso. Marcos também conseguiu emprego no Governo, como Secretário bem como o título honorífico de Conde. A situação econômica da família Cavanis estará assegurada.

O Patriarca de Veneza, Dom Frederico Maria Giovanelli, libera o intelectual Antônio Cavanis de todos os demais estudos teológicos, pois sabe mais filosofia e teologia, do que muitos sacerdotes, em Veneza.

Em março de 1794 veste o hábito e aos 21 de março de 1795 é ordenado sacerdote, sendo dispensado pela Santa Sé dos 13 meses que faltavam para completar a idade canônica, exigida para o sacerdócio.

Para agradecer esta vocação surpreendente no clero veneziano, o Patriarca permite

que o Pe. Antônio seja adscrito como auxiliar na Igreja de Santa Inês, a igreja predileta da família Cavanis há muitos anos, pois lá se realizaram os maiores acontecimentos, tristes e alegres.

Sempre lembrado do pai, que visitava regularmente os pobres, Pe. Antônio realiza o último desejo do falecido, O começo é no Hospital dos Incuráveis, onde o estado pestilencial dos doentes provoca um repúdio instintivo.

O Pe. Antônio descobriu que as andanças ao longo dos leitos intermináveis, onde se exala um cheiro de podridão, lhe polui o pulmão, transmitindo uma fraqueza generalizada, acompanhada de tosses convulsivas.

E o jovem sacerdote pensa no íntimo: “Fui marcado pela caridade divina...” Emociona-se: “Apalpei o amor de Deus nesta terra”. O Pe. Antônio chora silenciosamente: “Achei o céu na terra”. E um grande sorriso: “Sinto-me pai... que ama os doentes como filhos! A caridade me faz sofrer, mas me fez muito mais feliz! Estou marcado com o amor de Deus!”

O leão agoniza...

Os venezianos continuam a rotina da vida. As gôndolas com seus cantores. Os táxis aquáticos levando turistas para todos os ancoradouros, ao longo do Canal Grande. Os sinos das igrejas tocando, de manhã, ao meio dia e à noite. Parece que nada mudou. Mas mudou tudo, simplesmente tudo.

Pouca gente percebeu a grande mudança. O Pe. Antônio Cavanis, que continua inalando os ares pestilenciais do Hospital dos Incuráveis, pressentiu há vários anos o afundamento de Veneza, não da cidade material, mas da estrutura social e política.

Marcos está no meio do fogo. A pontaria vem de todos os lados. Ele está no seu ofício, como sempre, de manhã cedo. Não arreda pé dos seus deveres.

O jovem Conde Marcos acompanha os processos, transcreve as corrupções, anota as irregularidades, constata o desnível moral em todas as camadas sociais.

Veneza, a Sereníssima... aquela que era uma vez forte, inatacável, soberana dos mares, que ia até o oriente, respeitada por todos os povos. Veneza, a católica, que levava peregrini-

nos até Jerusalém, sendo acatada por muçulmanos e turcos.

Veneza, a República milenar, modelo para muitos povos. Veneza, a República da aristocracia... foi traída, vendida como se fosse uma cidade qualquer, sem importância.

Quem levará a mecha da traição para o resto da história, é o Doge Ludovico Manin, que assinou a capitulação, fundando covardemente a República Popular. Foi o mesmo que dizer: “Somos escravos de Napoleão, o ditador da França”.

Napoleão Bonaparte jogou alguns canhões pelos ares, perto de Veneza e todos se encolheram. Os Doges estavam acostumados a mandar e serem obedecidos. Viviam na opulência e caminhavam por entre filas de cavaleiros encurvados, que varriam o chão com seus chapéus de dois bicos.

Napoleão tomou conta de Veneza, sem pisá-la sequer uma só vez. Veneza tornou-se uma cidade-zinha satélite de todas as conquistas fulminantes da Europa. Napoleão enjoou-se de Veneza, alguns meses depois de sua conquista. Quis desfazer-se dela.

Vendeu-a, por uma bagatela, para a Áustria, no dia 17 de outubro de 1797. E lá se

foram 17 séculos de glória da Sereníssima.

Nos bares, a mesma aguardente. Nas gôndolas, as mesmas canções de façanhas. Nos vapores, o mesmo vozerio. Nas igrejas, os mesmos sinos. Aliás, menos sinos, pois Napoleão é um famoso ladrão de sinos. Gosta de derreter os sinos para fabricar deles balas de canhão.

Napoleão é um sacrílego. Um tirano anti-papa. Invasor de igrejas e conventos de freiras. Semeador do anticlericalismo. Napoleão, tido na França como sol sem poente, é um orgulhoso mentecapto, um paranóico imprevisível. Se é chamado corso, não é por ter nascido na Córsega, ilha perdida no Mediterrâneo, mas por ter um instinto selvagem e dominador.

Lá se foi toda a glória da Sereníssima. Está na sarjeta... na sarjeta da imoralidade juvenil, na sarjeta da falsidade. Veneza é escrava de imperadores — França, Áustria — que fazem dela uma peteca... e ela continua vivendo, como se nada tivesse acontecido.

Agora, para sobreviver é necessário cortejar os donos, que dela fizeram uma lacaia sem expressão.

Quem está com a cabeça caída entre as patas dianteiras, é o leão na Praça de São

Marcos, encarapitado encima dum monumento bem alto- O leão de São Marcos foi ferido, humilhado, traído, vendido...

O leão de São Marcos agoniza... Quem sabe, Deus faça surgir dois leões, que devolvam à soberana Veneza o fulgor de sua atração, o charme de sua beleza, sobretudo moral e espiritual, atraindo o olhar de simpatia de todos os visitantes.

A espada raspa o chapéu!

A cada manhã o Conde Marcos Cavanis sai de casa, depois de beijar a mão da mãe, que o abençoa com carinho maternal. Dirige-se ao trabalho na Secretaria.

Com a invasão francesa, apenas o primeiro escalão mudou, mas os funcionários do segundo escalão continuam trabalhando como sempre, recebendo os mesmos salários.

Marcos percebe que o comportamento das pessoas mudou em Veneza. A cidade, antes plena de honestidade, está degradando-se. O grande culpado é o famigerado Napoleão, que saqueou as igrejas, expulsou os religiosos. Não poucas igrejas foram roubadas e transformadas em depósitos e armazéns. As ordens religiosas expulsas, com os claustros roubados e vendidos.

Por mais famosa que seja a figura de Napoleão, na História Universal, devemos dizer que moral mente foi um pigmeu, um anão, um mesquinho, uma criança vaidosa. Com as igrejas vazias, os colégios fechados, o que resta? Ignorância, imoralidades, juventude abandonada e, justamente meninas pobres, são objeto de prazeres e exploração comercial.

Acontece que alguns Títerezinhos, depostos de seus cargos, querem subornar os funcionários antigos, que continuam no emprego, para assinarem falsidades e ganhos mentirosos.

Foi o que aconteceu, numa manhã, na Chancelaria com o Conde Marcos Cavanis, Plantou-se diante dele uma figura ainda vestida com seu fardamento de gala, exigindo de Marcos uma assinatura dum suborno e sonegação.

Marcos, um moço hercúleo, forte e robusto, responde laconicamente: “Não posso!” O pseudo-fidalgo estranha encontrar alguém honesto na nova República Popular de Veneza e insiste com ameaças, como se ainda tivesse algum poder... Marcos responde mais firme ainda: “Não devo!”

Para que? O figurino embraveceu, deu uns berros, como se fosse o patrão do conde, arrancou espada da bainha, rabiscou com a ponta da espada uns raios faiscantes no chão, vibrou a espada no ar, num chiar metálico, e num gesto de fender a cabeça do Conde, acerta o chapéu que rolou pelo chão, com a aba cortada.

O sangue ferve na cabeça de Marcos.

Fica em pé diante do covarde corrupto. Não diz uma palavra. Lança um olhar fulminante sobre o potencial assassino e com o silêncio dos dentes cerrados, parece que ira derrubar o farsante no chão. Envergonhado, derrotado, o figurão desaparece, murmurando palavras ininteligíveis.

No coração de Marcos surge uma alegria de honestidade, uma paixão pela verdade, uma compaixão pelos injustiçados da ex-Sereníssima República de Veneza.

A cidade da Laguna decaiu brutalmente. O leão de São Marcos morreu... É lembrança do passado.

No seu íntimo poético, musical e inspirado, Marcos Cavanis parece ouvir espiritualmente aplausos sonoros. Sente que as relíquias do evangelista São Marcos estão aplaudindo- São Marcos se orgulha do seu homônimo. Parece que um novo leão está surgindo em Veneza.

Secretamente dentro do coração do Conde valente surge o propósito de lutar pelos abandonados, injustiçados... lutará pela verdade e pela justiça... vencerá sem armas... vencerá pela simples grandeza interior.

Parece que o leão, que acabou de enterrar a cabeça nas patas dianteiras, no grande

monumento da Praça de São Marcos, está levantando a cabeça, para ver o novo leão de pé, empinado, com os olhos faiscando pela verdade.

Marcos Cavanis também foi tocado por Jesus, que disse: “Eu sou a Verdade!” Foi tocado como o mano Antônio, que continua inalando os ares pestilenciais no Hospital dos Incuráveis em Veneza...

A escola com um aluno!

As reuniões no casarão dos Cavanis são sempre animadas e cheias de alegria. Quando o Pe- Antônio volta do Hospital dos Incuráveis já com tosse rouquenha, e Marcos da Chancelaria com os nervos à flor da pele, Apolônia prepara um jantar apetitoso e a mãe estende a mão para o beijo da chegada. Então, um pedacinho do céu entra neste lar abençoado.

Os dois manos dialogam, planejam, aprofundam as idéias que buscam nas reuniões da Academia Teológica de Santo Tomás, com os Dominicanos. Enamoram-se com o assunto da caridade.

Descobriram que a virtude da caridade atinge sempre diretamente a Deus. Suspeitam vivencialmente que o amor de Deus pode tomar conta da gente e extravasar por todos os poros do corpo.

Sabem, que no apostolado da Igreja é inadmissível a caridade platônica, aritmética, social, sentimental. A caridade evangélica é aquela do Bom Pastor, do Filho Pródigo, da ovelha que vale as noventa e nove restantes e as noventa e nove restantes valem uma ovelha, pois todas as pessoas têm valor infinito perante

o Criador, que só conhece a eternidade e faz tudo com amor eterno, mesmo um mosquitinho perdido nas selvas africanas.

Marcos está estarrecido com o abandono da juventude veneziana. Quantas meninas ele vê pelas ruelas estreitas dos quarteirões... Quantos rapazes, procurando prazeres, ao longo da amurada do Grande Canal...

Dentro do seu peito o coração está se dilatando, e nele cabe toda a extensão da grande cidade de Veneza.

A faceta mais marcante da caridade, que aliás os marcou desde a meninice, está escrita na Carta de São Pedro Apóstolo: Deus não faz distinção de pessoas.

Por isso, eles insistem que a caridade é igual para com todos e isto numa dimensão divina e eterna. A caridade não admite diferenciação da parte de Deus. A verdadeira caridade sempre parte de Deus. Pois se parte dos homens, há ricos e pobres, sadios e doentes, cultos e ignorantes, pequenos e grandes, vivos e mortos. Se, porém, parte de Deus, a caridade é sempre divina e eterna em torno de cada pessoa humana.

— O que devemos assegurar, no nosso apostolado — fala o Pe. Antônio, pensativo

como sempre — é um coração de pai, e entra-nhas de mãe, senão vamos cair no mesmo erro de tanta pastoral veneziana, que dá preferência, ou aos pobres ou aos ricos. A nossa caridade deve ser como em família, onde todos têm voz e vez, sem distinção. Ninguém é preferido e ninguém é excluído.

No dia seguinte Marcos aparece em casa com um rapaz e o apresenta ao Pe. Antônio: “Meu irmão, chegou a hora de lançarmos o grão de mostarda na terra. Sonhamos em fundar uma escola cem por cento baseada na caridade... o aluno está aqui”.

O Pe. Antônio reage: “Só 1 aluno?...” Marcos responde: “Meu irmão, uma ovelha vale as noventa e nove...”

O Pe. Antônio sorri, quando se viu pego em contradição. O Pe. Marcos continua: “O Francisco é o nosso grão de mostarda”.

O menino sorri, como se ele fosse tão importante como uma escola cheia de meninos.

O Pe. Antônio leva o jovem Francisco Agazzi para a sala de visitas e começa a instruí-lo e transmitir .Ihe também a alegria de ser filho do Pai Eterno e irmão de Jesus, pelo Espírito Santo.

Os dois Cavanis esbanjam neste menino todo o seu amor de pais espirituais e já sentem um pouco do que viam no saudoso pai, quando os levava para os casebres dos pobres em Veneza.

O governo popular de Napoleão chamava os pobres de “ralé, escória, lixo”. Estes dois Condes, respeitados em toda a Veneza, querem olhar cada criança, tanto faz se é rica ou pobre, como se tivesse nascido de suas entranhas... Ambos entendem um pouco melhor a palavra de São Paulo: “Eu vos gerei em Cristo”.

A escola com um aluno.., foi um pedacinho do céu a mais na mansão dos Condes Cavanis, em Veneza.

Sairão muitos “pintinhos”!

O jovem Francisco Agazzi entusiasmou-se tanto com a amabilidade dos Condes Cavanis, que pediu orientação para estudar no Seminário. Confessou que achou neles os pais, que nunca teve. Tonin e Marchetto piscam o olho um para o outro: “A herança do papai está dando certo...”

A novidade do amor, a verdadeira caridade costuma espalhar-se de coração para coração, dispensando reclames comerciais, até para promoção vocacional. Após este primeiro, já vieram mais quatro pedir a admissão no círculo de amizade dos dois Condes Cavanis.

O charme de Marchetto tem atração especial, por ser alto funcionário da Chancelaria, no Ministério do Culto e tratar os jovens, como jovem, embora tenha 28 anos de idade.

Os dois irmãos, tão diferentes no temperamento e tão únicos na caridade, constataam que a semente de mostarda desabrochou e vai ser árvore frondosa, como prometeu Jesus no Evangelho. E Jesus nunca mentiu!

Marcos comenta: “Nós não iremos imitar os colégios particulares, que apenas dão aula. Isto fazem muito bem os leigos”.

Antônio confirma: “Vamos incendiar o mundo com a caridade, que é o amor de Deus vivo em nossos corações!”

Surge em Veneza um padre Jesuíta, que foi expulso de Bérgamo, pois Napoleão tinha ódio do próprio nome de jesuíta, por ser a Companhia de Jesus totalmente dedicada ao Santo Padre, É o Pe. Luiz Mozzi, que sugere aos Irmãos Cavanis de fundar a Congregação Mariana, movimento de renovação juvenil em toda a Igreja.

Os dois de novo se entreolham: “Parece que papai teve razão, em colocar o nome de Maria em nossas vidas, desde o em nascimento”. Ambos estudam o método da formação duma Congregação Mariana, que será dedicada a Nossa Senhora da Assunção e o padroeiro será São Luis Gonzaga, o jovem jesuíta de 24 anos, que carregava empestados pelas ruas de Roma.

Com a chegada de tantos meninos à mansão dos Cavanis, foi fácil escolher um grupinho seleta, para iniciar a Congregação Mariana, em Veneza. Eles deverão consagrar-se visceralmente à Mãe do Céu, deverão fazê-la sua companheira maternal no dia-a-dia da vida.

O Pe. Luiz Mozzi conseguiu para esta

finalidade a Capela do Crucifixo, junto à Igreja Santa Inês, a igreja predileta da família Cavanis. A Capela abandonada foi totalmente reformada pelas mãos hábeis dos dois Condes, que usaram o pincel com o seu coração cheio de caridade paternal.

No dia 02 de maio de 1802, entra o primeiro grupo de congregados marianos, no total de nove, com o Conde Marcos Cavanis à frente. Entram processionalmente na igreja, no domingo de manhã, para a missa, celebrada pelo pároco Pe. Antônio Ferrari.

Um arrepio de espanto se alastra pelos bancos da igreja, em cochichos e sussurros de aprovação. Alguns aplaudem, quando vêem a entrada deste gnipinho, que transmite uma devoção especial a Nossa Senhora.

Na metade da igreja, o Conde Marcos à frente do grupo, ouve do lado o cochicho dum cidadão cético: “Fogo de palha... Ovinhos de Páscoa!” Marcos vira-se para o desafiante e fala bem junto a seu ouvido: “Mas sairão muitos pintinhos...”

Muitos presenciaram esta cena. Um ano após, Marcos procurou o desafiante, para comunicar-lhe que os nove, daquela missa de manhã, já se tornaram oitenta pintinhos...

Dois leões com um só coração!

Quando os dois Cavanis, à noite, trocam idéias, em casa, é divertido ver a diferença dos enfoques e a união de sentimentos de ambos. Parece que Tonin está sempre um passo atrás e Marcos um passo à frente. Tonin parece Maria e Marcos, a Marta, de Betânia, como consta no Evangelho.

Ambos estão empolgados, porque a vivência apostólica com a juventude traz cada dia novas surpresas. Veneza está num caos. Três Bandeiras já roçaram a melena do leão morto no alto do monumento da Praça de São Marcos. Veneza foi tiocada várias vezes, como se fosse uma vadia e não aquela antigamente “sereníssima” República, respeitada por todos os povos do oriente e do ocidente.

Napoleão que chamava o povo veneziano de “ralé”, de “fezes”, era sobretudo anti-clerical. Teve a mancha vergonhosa de expulsar Pio VI de Roma, fazendo com que morresse no exílio.

Roubava das igrejas tudo que brilhava a ouro e prata. Além de ladrão era ignorante: quebrava monumentos, famosos com selvageria desumana. Que falem os grandes monumen-

tos históricos do Egito: como a famosa Esfinge, que ainda hoje mostra seu rosto mutilado. Nem falamos dos obeliscos roubados e depois erguidos nas Praças de Paris. Fechou muitas igrejas. Quis fundar uma igreja anti-Roma, violentando o clero da França e da Europa.

A bandeira austríaca também tremulou no alto do monumento de São Marcos. Parecia mais amena, embora houvesse um outro tipo de anticlericalismo, que trajava formas de amizade aparente.

Em vez de perseguir a Igreja, os austriacos intrometiam-se nos assuntos da Igreja, a ponto de todos os funcionários parecerem mais sacristãos do que administradores. O Imperador José da Áustria até quis determinar, quantas velas deviam ser acesas no altar, durante as missas.

Os dois irmãos Cavanis falam, a cada dia, sobre as alegrias da juventude que os rodeia. Analisam o porquê do fechamento das escolas católicas e particulares. Perguntam-se, se irão repetir os mesmos erros dos colégios supressos e fechados. Ambos definem-se a si mesmos. Afinal, o que são? Sacerdotes, catequistas, mestres, orientadores, ou conselheiros? Ambos quase dizem a mesma coisa,

com palavras diferentes: “... pais dos jovens!” Marchetto remata: “Não foi isto que observamos no rosto do pai, quando levava alimentos aos pobres?”

O Pe. Antônio reflete: “Não há mais volta. Ternos que Lazer alguma coisa, a juventude aumenta ao nosso lado”. A Congregação Mariana está crescendo e até brotam vocações sacerdotais.

Fundar colégios, apenas para encher salas de aula... e, onde é o lugar da caridade?

O Pe. Antônio continua: “A caridade é total, não pode preferir ninguém e não pode excluir ninguém”.

E Marcos prossegue: “Pois é, os franceses até gostariam que nos ocupássemos dos marginais...”

O Pe. Antônio continua: “Mas os austríacos querem que não admitamos a elite em nossa escola, se a fundarmos...”

Marchetto insiste: “Se fundarmos uma escola, então é para todos... todos... ricos e pobres, pobres e ricos... e gratuita. Pois será uma escola de Caridade.”

— “Caridade, diz o Pe. Antônio, caridade não só é o nome de Deus, mas é a realidade de Deus no meio de nós. Esta deve ser a nossa

revolução, a nossa guerra...

Marcos toma um ar sério e diz para o mano, pois a mãe, e a mana Apolônia já se recolheram: “Tonin, não sei o que se passa comigo. Quando estou no meio dos jovens, estou feliz. Quando estou no emprego, sinto-me triste. Lá, vivo o vazio do tempo e, no meio dos jovens vivo o sabor da eternidade. A vida breve me dói, a eternidade me fascina. Cada minuto sinto carregado de eternidade. Não sei o que vou fazer...”

E Marchetto termina, sorrindo: “Tonin, a bandeira da Áustria traz uma águia, com duas cabeças. Às vezes penso que nós vamos ser dois leões com um só coração!”



O Palácio Ducal (Palazzo Ducale) está situado na Piazza San Marco. Deste lugar, 120 doges dirigiram o destino de Veneza durante quase 1.000 anos.



Palácio Ducal, vista lateral.

O Leão de Veneza é uma estátua de bronze, o mais conhecido símbolo da cidade. Quando Napoleão derrotou a República de Veneza em 1797, o leão da Piazzetta foi baixado da coluna e levado a Paris junto com outros espólios de guerra, mas sofreu sérios danos durante o transporte. A peça foi reclamada pelos venezianos em 1815.



O dia mais feliz da vida!

Carnaval em Veneza: 1806. É a chamada quinta feira, gorda, no dia 13 de fevereiro. Máscaras por toda a parte, nos vaporetos, nas gôndolas, nas janelas dos casarões, nos salões, nas praças.

É o desabafo do povo no meio de tantas tiranias de imperadores, que fazem de Veneza um joguete de seus interesses. Era dos franceses em 1797. No mesmo ano passou para os austríacos, logo mais em 1805 voltou para os franceses.

O povo miudo quase não se apercebe destas mudanças, pois o que interessa aos imperadores da França e da Áustria é que sejam embolsados impostos e mais impostos.

Atrás das máscaras escondem-se Condes, damas da nobreza, vilões dos bairros. As máscaras são de todos os feitios. Os nobres usam trajes luxuosos. No Carnaval é permitido mentir e desaparecer atrás de qualquer irresponsabilidade. Carnaval dispensa vergonha, honestidade e amizade. Deve-se pensar o contrário do que se vê.

Eis que surge na Praça de São Marcos um figurão alto, vestido de padre. A primeira

impressão é a de ser um deboche clerical. Mas a surpresa se converte em espanto. Este figurão jovem, robusto, elegante é nada mais nada menos que o Conde Marcos Cavanis.

Quem não conhece o Conde Marcos Cavanis? Todos sabem, que a sua ortografia levou assassinos para as prisões, levou Doges a pagar multas, levou pobres de volta à liberdade violentada.

Alguns querem rir, outros quase choram. É verdade ou é carnaval? Mas o Conde Marcos Cavanis é de retidão única. É verdade, que muitas vezes colegas do emprego o chamavam de “Frei Marcos”, por ele estar encarregado dos assuntos religiosos e sempre favorecer a Igreja.

O carnavalesco ou esportivo Conde leva debaixo do braço, um enorme envelope. Entra no Palácio Ducal, galgando os degraus de dois em dois, como se tivesse muita pressa. Lá dentro, entrega ao Chefe da Secção o envelope. Este, abre e lê a carta de renúncia do Conde Marcos Cavanis do seu cargo.

O Chefe da Secção olha espantado para o Conde, que lhe sorri com a felicidade duma criança. E exclama: “Que é isto, senhor Conde? Jogar fora um futuro brilhante, um cargo

dos mais cobiçados e bem remunerados de Veneza? Que está acontecendo? Enlouqueceu? Quanta gente atravessaria a Praça de São Marcos, de joelhos, para receber um cargo, que o sr. joga pela janela? Impossível, senhor Conde!”

Com tranqüilidade impressionante o Conde Marcos diz: “A partir de hoje sinto-me desligado do cargo e peço licença de respeitarem a minha decisão.”

E, sem dizer mais nada, sai da sala, descendo de novo de dois em dois os degraus do Palácio Ducal. Os curiosos olham ainda mais desnorteados para o carnavalesco Conde Cavanis. Mas poucos sabem o que passa dentro do seu coração.

O Conde Marcos Cavanis decidiu deixar o Cargo de Secretário no Palácio Ducal e se dedicar totalmente à juventude... Já sentiu a felicidade de ser pai de mais de uma centena de jovens abandonados.

— “Mexer arquivos mortos, cansa — pensa o Conde feliz. — Mexer eternidades vivas, fascina...”

À noite, na mansão dos Cavanis, Tonin e Marchetto se abraçam. Ambos beijam a mão da mãe Cristina, prometendo dar ao nome dos

Cavanis uma glória diferente, uma glória que o tempo e as instabilidades humanas não desgastam...

O Patriarca de Veneza pasma com a decisão do Conde Marcos Cavanis. E, como Marcos, que nem Antônio, estudou mais teologia que muitos padres em Veneza, o Patriarca apenas exige alguns estudos suplementares e no mesmo ano de 1806, aos 20 de dezembro, o ordena sacerdote diante duma multidão comovida. Pois quando Deus chama, tudo desaparece...

À noite deste famoso Carnaval, Marcos diz para a mãe: “A decisão de seguir Jesus, justamente na quinta-feira gorda do Carnaval, onde tudo é mentira, fez justamente este dia o mais feliz de minha vida!”

A nossa marca registrada!

Dona Cristina nunca esperava, que tivesse dias tão lindos, após a morte do marido, o Conde João Cavanis, com os dois filhos sempre em casa à noite, e ainda mais sacerdotes! Agora é a vez dela beijar as mãos unguidas dos filhos. Mas eles não permitem. Pois a ela devem tudo o que têm e são.

Os dois Condes Padres percebem, que a dedicação total à juventude é da vontade de Deus. Os sinais são palpáveis. Eles também sabem que as mudanças de cúpula na ex-República de Veneza, devido ao troca-troca dos Imperadores da França e da Áustria, afetam profundamente o ensino nas escolas.

Marcos, que está a par de todas as leis e trâmites governamentais, pressente que deverá sempre estar de alerta, pois a pior perseguição dum governo, é quando apunhala com mãos aveludadas, o que sabia muito bem o corso Napoleão. Ele se apavorava mais diante de qualquer sociedade religiosa do que diante do próprio demônio. Por isso fechou sacrilegamente não poucas igrejas de Veneza, não poupando a pupila dos Condes Cavanis, que é a Igreja de Santa Inês, transformando-a num

celeiro.

A Congregação Mariana continua aumentando, pois os jovens notam que os Padres Cavanis são pais verdadeiros e depois professores. Marcos está com eles o dia todo no pátio, que conseguiram adquirir. O número de alunos cresce vertiginosamente, pois a escola é gratuita ao pé da letra. Não é só gratuita, mas gratuita com amor, dedicação, disponibilidade e sacrifício.

Faltam salas de aula para tantos candidatos. E os dois Cavanis nunca olham se o menino é pobre ou rico. Basta saber que é menino e precisa dum pai, que muitas vezes não tem.

Esta atitude dos Cavanis espantou as autoridades governamentais de Veneza. Por isso autorizam o funcionamento da Escola Cavanis, ou melhor, a Escola de Caridade, como é registrada.

Ao lado do pátio ocupado pela algazarra dos alunos, há um grande Palácio da Família nobre “Da Mosto”. Os dois Condes namoram este Palácio e dizem: “Que felicidade, se pudessemos conseguir este casarão e iniciar oficialmente nosso apostolado da caridade.”

Eles contactam com o dono nonagenário “Da Mosto” e ouvem que custa três mil Duca-

dos, contados na mão. O quase moribundo Da Mosto, sabendo que ia deixar de qualquer jeito tudo o que possuía, pensa de repente mais no além do que no aquém. Pensa, que os dois Cavanis jamais o esquecerão, após a morte, em suas orações. Pois são conhecidos como honestos e muito caridosos.

Os Padres Cavanis rezam. Possuem apenas duas dezenas de Ducados. Para chegar à soma de três mil Ducados, só mesmo uma ajuda direta do céu! Vem a notícia desnor-teante: o velho Da Mosto está moribundo e em estado de coma. Lá se foi a chance de um dia possuir este grande casarão.

Enquanto “Marta” dos Cavanis procura amigos e benfeitores, ““Maria” dos Cavanis se dirige à Igreja de Nossa Senhora do Carmo dos Padres Carmelitas, para rezar a missa na intenção do “casarão Da Mosto”.

É dia 16 de julho de 1808, festa de Nossa Senhora do Carmo. Na missa, o Pe. Antônio pede com insistência à Mãe do Carmo, que dê um sinal visível de que a obra, que estão por iniciar, seja do seu agrado maternal.

Ao voltar para a Sacristia, mal tirou a casula, entra o notário da família Da Mosto e pede que assine. Pois o nonagenário voltou a

si e a primeira coisa que pediu, foi de fechar o negócio com os dois Padres Cavanis e ainda abaixou o preço por quinhentos Ducados.

Após esta surpresa celestial, Marcos e Antônio se entreolham num largo sorriso e dizem: “A nossa Marca Registrada é... MARIA.”

No primeiro sábado de novembro, do mesmo ano, conseguiram pagar a última prestação. E com o nome de Maria nos lábios tomam posse do Palácio Da Mosto, berço histórico das Escolas de Caridade dos Padres Cavanis...

Ela é o nosso tipo!

A união dos irmãos Cavanis é tão íntima, que às vezes Antônio começa a frase e Marcos a termina. Ou Marcos pensa e Antônio já diz o que Marcos está pensando. É a caridade apostólica de dois irmãos, que se consagraram totalmente à Mãe do Céu, Rainha de todos os corações humanos.

Examinando o início da obra, que jamais pensaram fosse crescer tão rapidamente, tiraram esta conseqüência: não podemos fazer nada sem consultar a Mãe do Céu, a quem fomos consagrados desde o nosso nascimento.

Praticamente o início visível da Obra Cavanis, aos olhos humanos, se deu naquela manhã de domingo, quando a pequena procissão rompeu igreja de Santa Inês adentro e alguns até aplaudiram.

Antônio continua: “Graças à sugestão do padre jesuíta, que nos deu esta dica.” E o próprio Antônio não esquece aquele outro jesuíta, que lhe sugeriu mais diplomacia para com o pai, quando iria falar de sua vocação sacerdotal.

Mas ambos repetem sempre: “Devemos ser verdadeiros pais dos jovens...”

Parece mesmo que o carisma dos dois Cavanis, que está desabrochando tão corajosamente na grande Laguna do Adriático, é a paternidade espiritual, expressa em São Paulo: “Eu vos gerei em Cristo!” É a paternidade das eternidades vivas. Pois a paternidade biológica termina no dia, em que o sangue secar nas veias.

Ambos se entreolham: “Há pais, que também querem filhas e não só filhos!”

Querem também ajudar as meninas abandonadas ao longo dos canais de Veneza.

— Onde arrumar um lugar de aconchego familiar para nossas filhas? — pergunta Antônio, o rezador dos Cavanis.

— Já arrumei, — diz o andarilho das causas de Deus que é Marcos. — Consegui provisoriamente o Convento das Eremitas, abandonado há tanto tempo.

Graças a Deus, que Marcos foi Secretário no Palácio Ducal. Por isso ele entra lá como se fosse ainda funcionário efetivo. E quando ele entra, alguns se levantam da cadeira para saudá-lo.

O Conde Marcos impactou todos os funcionários do Palácio Ducal, desde aquela famosa cena da quinta-feira do Carnaval.

— Quem cuida de nossas filhas? — volta a perguntar Antônio.

— Já consegui algumas moças, que querem dedicar-se ao serviço da caridade, — diz Marcos.

E Antônio sorri! “Ó Caridade, ó Deus presente no coração humano! É impossível separar Deus do homem, como é impossível separar a fotografia da realidade. Caridade divina, eterna, que nos faz felizes. A Caridade nunca termina, nem no céu!”

Mas como agir? Marcos franze a testa. Mas já tem solução. Visita, em Verona, a famosa Marquesa Madalena de Canossa. Os dois Cavanis sorriem e quase como sempre dizem a mesma coisa: “Ela é do nosso tipo!”

A Marquesa Madalena de Canossa, a quem Napoleão externou sua admiração pessoal, encoberta no temor de Deus, fundou a Congregação das Filhas da Caridade. Ela se prontificou a dar orientação às escolas femininas da Caridade.

Além da Marquesa de Canossa com fama de santidade, os dois irmãos Cavanis acharam muitos amigos na Itália e nos grandes centros do norte da Itália. Eles simpatizam com Jerônimo Emiliani. Apreciam São Vicente

de Paulo, convidado para ser protetor da Congregação. Admiram Felipe Nery Louvam Camilo de Lelis. Mas se apaixonam por São José de Calasanz, do século XVI, que encontrou meninos abandonados. em Roma e os tratou como verdadeiros filhos. Entusiasmam-se com Murialdo, prestigiam Pavoni e querem imitar São João Bosco, de Turim.

Antônio abre a boca, para falar, mas Marcos se antecipa: “Vamos consagrar a nossa obra, aliás a obra da Mãe do Céu, ao simpático São José Calasanz, o santo da Espanha que morreu em Roma... perseguido, incompreendido, aos 92 anos de idade, mas cheio de caridade, esta que acha Deus em todos os homens e ama todos os jovens como fruto das próprias entranhas...

São José Calasanz, recordado dia 25 de Agosto, se dedicou a educação e formação de jovens pobres e abandonados.



O demônio do cavalo branco!

As ondas da vida dos irmãos Cavanis ondulam mais altas do que as ondas do Canal Grande, em Veneza, onde balouçam gôndolas e barcos.

São as ondas instáveis da política de ocupação. Corre o ano de 1814... Ano de altos e baixos. Ano de lutas e dificuldades. Ano da saúde abalada do Pe. Antônio, devido aos ares pestilenciais, inalados diariamente no Hospital dos Incuráveis. Ano em que caiu do cavalo, não o Saulo de Tarso, mas o demônio da Ilha de Córsega, Napoleão Bonaparte.

Pressentindo o declínio do curso implacável, os funcionários franceses sugam o povo de Veneza, com impostos exagerados até o último dia de ocupação. Os estragos do demônio do cavalo branco — cavalo branco, porque este cavalo era mais precioso para Napoleão do que todas as cidades conquistadas — os estragos feitos à Igreja, são realmente demoníacos. Mas os perseguidores geralmente têm fim trágico. Napoleão não foi exceção. Jogar-se contra a rocha de Pedro é esfacelar-se totalmente.

Surgiu com todo o vigor o Movimento Feminino das Escolas de Caridade. E como ca-

ridade é sempre milagrosa, quando se aninha no coração humano, foram surgindo pessoas para ajudar no ensino das meninas abandonadas.

Foi-se a devota Dorotéia Ploner Inson, seguiu-se a generosa Isabel Cornaro Grimani.

Os Condes Cavanis jamais esquecerão o fato de Napoleão ter profanado a Igreja de Santa Inês, ou de foram batizados e onde ergueram pela primeira vez a hóstia consagrada.

Com muitos ex-alunos na vida pública, em altos cargos e tantos sacerdotes, formados por seu coração de pais espirituais, já se ofereceram várias pessoas, religiosas e leigas, para consagrarem-se à obra Cavanis, que está conquistando a simpatia de toda a cidade de Veneza. O sonho dos Cavanis é levantar em cada quarteirão da cidade uma Escola de Caridade.

O que os irmãos Cavanis prometeram será cumprido, enquanto durarem as Escolas de Caridade. É um desafio para o futuro.

E o desafio consiste nisso: todos os alunos estudam gratuitamente e todos têm acesso, sem distinção entre pobres e ricos.

A aceitação indistinta de alunos, fez coçar a pulga atrás da orelha, tanto dos franceses como aos austríacos. Pois atrás desta

atitude há muita grandeza. de alma. Nem os colégios católicos supressos conseguiram este ideal: Ou admitiam ricos, que bem pagavam. Ou eram só de pobres, onde os ricos não se sentiam à vontade.

Quando um coração de pai bate no peito, desaparece qualquer diferenciação. Apenas exigiam atestado médico, para controlar as possíveis doenças. O amor de pai verdadeiro cuida de tudo, não só da tampinha intelectual.

Os Cavanis compram de volta o que foi roubado pelo indomável corso. Tiveram que comprar de novo o pátio e as casas pequenas. Quando acabaram de pagar a última prestação aos franceses, o que acontece?

Os franceses saem vaiados e os austríacos entram aplaudidos. Mas os Cavanis completam: se os franceses foram ladrões sacrílegos, os austríacos serão sacristãos intrometidos... e ambos estrangeiros!

O demônio do cavalo branco foi depositado, em Paris, aos 6 de abril de 1814, para curtir o seu orgulho desvairado na ilha rochosa e solitária de Santa Helena, perdida no Mediterrâneo, perto da ilha de Córsega, onde ele nasceu anônimo e sonhador...

Que festa é hoje?

Saíram de Veneza os soldados do general do cavalo branco. Entraram os soldados da águia de duas cabeças. Saiu a escolta do ladrão. Entrou o exército do sacristão. Mas o Imperador da Áustria, Francisco José I está disposto a devolver as igrejas, conventos e seminários.

— Vai melhorar? — pergunta Antônio, com sua timidez cativante. Marcos responde, com seu eterno humor: “Talvez seja melhor do que quando era pior!”

Religiosamente, com toda a certeza, deverá melhorar. O povo austríaco e os seus dirigentes são católicos confessos. Quanto à educação, ainda é urna incógnita. Mas, o Pe Marcos, com sua faina já espalhada até o trono imperial de Viena, deverá ter pelo menos acesso às últimas instâncias do governo austríaco o que não tinha antes com os procônules de Napoleão.

Eis que se espalha a notícia de que o Imperador Francisco José I virá visitar Veneza, o que Napoleão não teve coragem de fazê-lo. Napoleão sempre teve medo dos cristãos convictos, O maior medo dos Cavanis foi, porque

eles levantaram uma gráfica, publicando muitos livros para a educação dos alunos. Veio proibição taxativa.

É sabido que governos fracos, corruptos e desonestos não admitem grandes avanços na cultura do povo e, muito menos, veículos de comunicação, de modo especial, a imprensa. A primeira preocupação duma autoridade corrupta, superior ou subalterna, é surrupiar algum veículo de comunicação social!

La em Viena, os olhos do Imperador caíram com curiosidade sobre o trabalho educacional dos irmãos Condes e Sacerdotes. Ele supõe que existe algo com eles que é mais do céu do que da terra. Impressiona-o a caridade, assumida até as últimas conseqüências.

Eles não diferenciam alunos entre si. Todos são iguais e todos são recebidos gratuitamente. O Imperador impressionou-se com a informação do seu irmão, o arquiduque João, a saber, de que os Cavanis tomaram conta de Veneza até o último menino de rua. Têm mais influência do que Napoleão e o Imperador juntos.

E, quando ouve de que a casa dos Cavanis está sempre aberta, aí a curiosidade se aguçou ao extremo. Deve ter muito coração

nesta obra. Muito amor, É algo que desabou do céu...

Francisco José aparece em Veneza. É festa. São reuniões, banquetes, audiências. O Conde Marcos Cavanis é recebido em audiência particular. O Imperador o trata com respeito e ao fim da entrevista se adianta: “Reverendo Pe. Marcos, fique à espera, quero visitá-lo... Quero ver o que me foi comunicado!”

Eis que certa manhã, aparece o Imperador na Escola de Caridade, com todo o seu séquito de Viena e todas as autoridades subalternas de Veneza, inclusive o Governador. O povo se admira desta prova de amizade do Imperador da Áustria. A verdadeira caridade também atrai amizade dos homens bons.

O Imperador passa de sala em sala, ouve poesias, teatrinhos, vê a biblioteca e sai impressionado com a cultura destes dois eruditos pedagogos. No final fala aos dois irmãos:

— “Quero ver também o setor feminino das Escolas de Caridade.”

Os dois Cavanis não esperavam por esta proposta. E o Imperador quer ir a pé até lá, pedindo que os irmãos Cavanis caminhem ao seu lado, falando de suas proezas caridosas. O Imperador se empolga e quase lhe escapa

esta frase dos lábios: “É a primeira vez que caminho, ladeado pela alegria do céu.”

No fim da visita, o Imperador diz: “Prezados Padres, o que vi é muito mais do que me foi informado. Eu também quero ser contado dentre seus benfeitores e amigos.” O governador de Veneza, também presente, se oferece a dar 50 florins por mês. A comitiva se afasta sob o olhar pasmo dos dois Cavanis.

À noite, à luz das velas, junto à mãe e à mana Apolônia, Antônio pergunta, com os olhos brilhantes de alegria: “Marchetto que festa é hoje?” E Marchetto rindo à toa: “Tinha que ser... É a festa de Nossa Senhora de Loreto.” Os dois manos se abraçam jubilosos. Era o dia 12 de dezembro.

Rezemos o ato de contrição!

Em maio de 1814 o Abade Carlos Zen levou o Histórico das Escolas de Caridade ao Papa Pio VII, pedindo a Aprovação Pontifícia para a obra dos Padres Cavanis.

O Papa gostou. Ele conhece as Escolas de Caridade e os dois Condes. Em 1800 foi eleito Papa pelo Conclave em Veneza. A situação política, em 1814, não permitia autorizar novas Congregações na Igreja, havendo ainda outras surpresas.

Quando o Papa soube que seu carrasco, Napo leão Bonaparte, aquele que o seqüestrou e desterrou para a França, estava ruminando o seu orgulho infernal na Ilha de Santa Helena, aí se arriscou restituir à luz da Igreja, a Companhia de Jesus, que foi supressa por defender intransigente- mente o Papado.

Pio VII vê nos sacerdotes Cavanis dois arautos da Igreja, dois defensores do Papado ao pé da letra. O Sumo Pontífice prometeu ao Abade Carlos Zen, nunca esquecer o desejo dos Condes de Veneza, pois o testemunho vocacional de ambos, sacudiu o torpor da mediocridade sacerdotal no Patriarcado de Veneza.

Pio VII pensa no modo de dar um sinal de amizade aos dois grandes apóstolos da ju-

ventude. O que mais o impressionou foi a certeza de as Escolas de Caridade serem sempre gratuitas e nunca diferenciarem jovens pobres e ricos, de sorte que, até o fascínio pastoral de preferência pelos pobres, não dá sabor de caridade perfeita e equilibrada.

A gratuidade total no apostolado sempre provoca a generosidade dos mais sensíveis. Pio VII lembra-se duma herança, que recebeu do Doge Catarino Comer. É o grande Palácio Comer, construído rente ao Canal Grande. É um dos Palácios mais ricos e monumentais em Veneza. Ainda está mobiliado com quadros famosos.

Pio VII quer prestigiar a caridade dos Condes venezianos, que calcaram o seu apostolado na gratuidade e na pobreza radical. Eles merecem um sinal de visível apoio da Igreja universal, através do Supremo Chefe espiritual.

O Papa senta-se à mesa do seu apartamento pontifício e começa a escrever, olhando para a Mãe do Céu à sua frente:

— “Mãe do Céu, o Palácio Comer será um presente para os vossos entranhados devotos...” E a pena corre sobre o papel, apondo a data de 07 de setembro de 1814. O Sumo Pontífice volta a olhar para a Virgem Maria e sorri: é a véspera da festa de Nossa Senhora

da Natividade.

A carta-doação chega a Veneza. Os alunos estão na capela do Oratório rezando antes da aula. O Pe. Antônio rompe capela adentro e lê a carta- doação do Santo Padre. Sua voz gagueja, os olhos estão cheios de lágrimas, seu coração palpita, pois veio uma doação caída do céu. É o apoio cordial do Papa, e parece uma canonização das Escolas de Caridade.

Os alunos não contém o júbilo. Pe. Antônio fala, soluçando: “Rezemos o ato de contrição! Peçamos perdão por nossos pecados! Não somos dignos de tanta bondade divina! Nunca agradecemos os dons pequenos de Deus! Agora veio um sinal tão forte do céu!...”

A emoção é geral entre professores e alunos. Todos pensam: o Pe. Antônio deve ser um santo. Quando os dons do céu nos assaltam, o primeiro impulso é bater no peito e pedir perdão.

Parece que o verdadeiro sentimento de gratidão consiste em sentir o pecado, como Pedro, no barco, após a pesca milagrosa: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!”

E o Pe. Marcos, ouvindo a bela notícia e olhando a data no cabeçalho da carta, rompe como sempre: “Tinha que ser... onde está Maria... as graças chovem!”

Assaltando o Céu!

Os irmãos Cavanis continuam unidos, mas cada qual com seu tipo, como foi desde a infância. Antônio, recatado. Marcos, rompedor. Antônio, rezando em casa. Marcos, correndo pelas pontes e canais de Veneza. Antônio, pedindo ajuda a Deus, pela oração. Marcos pedindo ajuda aos homens, pela mendicância em favor da juventude abandonada. Antônio, achacado e, às vezes com convulsões nervosas. Marcos, caminhando sem parar, até cair, de noite, exausto na cama, e às vezes sem um florim sequer no bolso.

Acontece o imprevisto, quem sabe forjado por Deus, devido à oração do Pe. Antônio e da gurizada. O Imperador da Áustria, Francisco José voltou a Veneza. O Conde Marcos Cavanis apressa-se em pedir audiência. Se não é por ser padre, em todo o caso, por ser Conde, os subalternos anotam o seu nome na agenda.

Quando Marcos aparece diante de sua Majestade, sobressalta-se. O próprio Imperador toma a dianteira. Sugere que se unam numa Associação Religiosa e se espalhem por outros Estados da Europa, pois o que estão fazendo em Veneza, é Sopro do céu, é força de

Deus.

No fim da audiência, o Imperador diz, sem cerimônia: “Farei nova visita às suas Escolas de Caridade”.

E é verdade, o povo de Veneza novamente constata, que os Padres Cavans conquistaram imperadores e gondoleiros, anciãos e crianças, jovens e adultos, ricos e pobres, ignorantes e cultos, Santos e pecadores. Durante a visita demorada o Imperador fala ao ouvido do Pe. Marcos: “Como vão as dívidas?” o Pe. Marcos não deixa por menos: “Nós Estamos realmente endividados até o fundo do poço, mas não traímos o nosso propósito da gratuidade total, mesmo que eu tenha ainda mais que gastar muitos pares de sapatos, esmolando o dinheiro por todas as portas de Veneza”. O Imperador fala baixinho ao ouvido do Pe. Marcos, como se fosse um segredo entre ambos: “Quanto é a dívida?”

O Pe. Marcos cochicha, com o coração preso na garganta: “Três mil florins resolveriam duma vez por todas a nossa situação financeira.”

O Imperador remata: “Vão receber.” E mais baixinho ainda: “E vão receber algo a mais!”

O Pe. Marcos empina as orelhas. Não entendeu. Deve ser coisa boa. De fato, após a visita do Imperador, aparecem os três mil florins e uma carta solene, com as armas do Imperador da Áustria, em que aprova a existência das Escolas de Caridade como organização religiosa e educacional. O Pe. Marcos ri como uma criança, mostra a carta de aprovação imperial ao mano Antônio: “Veja, Tonin, a Mãe do Céu está sempre conosco. Olhe a data: 15 de agosto de 1819. Festa da Assunção de Nossa Mãe ao Céu.”

A ajuda da Mãe do Céu não parou nisto. Agora, é a vez da Aprovação do Patriarca de Veneza, Cardeal Francisco Milesi, que sempre mostrou amizade especial aos dois Condes corajosos pelas causas de Deus.

Aconteceu um dissabor diplomático, que aborreceu muito o Patriarca de Veneza. O bispo Dom Carlos Zen, que foi falar ao Papa sobre a Aprovação das Escolas de Caridade, mudou o rumo da carta petítória, entregando-a aos Cardeais encarregados na Cúria Pontifícia. E veio o grande desencontro. Todas as petições devem ser autorizadas pelo Imperador. E a carta foi sem sequer ter a autorização do Patriarca de Veneza. Dom Milesi estava disposto a assi-

nar a petição dos Padres Cavanis, como nova Família Religiosa na Arquidiocese.

Os irmãos Cavanis ficaram tristes com o equívoco. E acontece o mais triste. Dom Milesi cai doente a ponto de o médico achar prestes o seu desenlace. E lá vai o Pe. Antônio com todo o bando de jovens e meninas, para assaltar o céu e salvar as Escolas de Caridade deste impasse.

E acontece o inimaginável. Dom Milesi acorda lúcido, pede um papel e os documentos do processo dos Cavanis e assina. Eis a data: 12 de setembro de 1819, festa do Santíssimo Nome de Maria. Os Padres Cavanis recebem o documento da aprovação no dia 18 de setembro de 1819, sábado, véspera da Festa de Nossa Senhora das Dores.

Os dois manos se abraçam e Antônio diz: “Em cada acontecimento importante, a festa de Nossa Senhora é diferente.” Marcos continua: “o que interessa é que vivemos de festa em festa... a Maria!”

Ambos afirmam categoricamente. “Sem Maria, nada faremos... sem Maria, nada começaremos... e, com Maria, viveremos as surpresas de festa em festa...”

A mais bela aventura!

As ondas do Canal Grande, em Veneza, a maior avenida aquática do mundo, no seu vai-vem, no seu sobe e desce, são o reflexo das ondas na vida dos Condes Cavanis.

Quando o Pe. Antônio quer desanimar, o Pe. Marcos está animando. Quando o Pe. Marcos cai exausto, o Pe. Antônio está do seu lado. Ambos continuam sendo: Fe. Antônio, a Maria e Pe. Marcos, a Marta de Betânia. Ambos continuam completando-se. Pe. Antônio, recolhido diante do Santíssimo Sacramento e Pe. Marcos, caminhando incansável pelos quarteirões de Veneza, acompanhado da presença da Mãe do Céu.

Com a aprovação do Imperador e a bênção do patriarca de Veneza, parece que tudo vai de vento em popa. Mas, não é assim. A ajuda quase celeste do Imperador da Áustria desapareceu ligeiro no sorvedouro das dívidas, que se acumulam diariamente. Agora é a mendicância, de porta em porta, de canal em canal, e os pés de Marcos chegam longe ao norte da Itália. Foi a Turim, Milão, Verona, Brescia, Pádua... E quantas vezes um “não” categórico diante do rosto, seguido dum estampido da

porta. Outras vezes, um sorriso de amizade, mas de mãos fechadas.

Na mansão dos Cavanis, também houve mudanças. Pe. Antônio mora com o primeiro grupo, que quer arriscar a gratuidade para o resto da vida, como verdadeiros pais da juventude. E uma vocação arriscada: dá o coração de graça e pede a matéria de graça aos benfeitores. É riqueza de coração abraçada com pobreza da matéria.

Quando o Pe. Marcos se afasta por vários dias, consola-o a certeza de que a governanta Catina está junto da mãe. A mana Apolônia já foi para a casa do Pai, donde colabora com sua intercessão. A mãe Cristina acompanha cada passo do filho e cada oração do Pe. Antônio, na nova comunidade. Quando vê o Pe. Marcos em apuros, lá vai ela e tira uma por uma as jóias preciosas. Os primeiros companheiros do Pe. Antônio são os seminaristas Pedro Spornich, Matteo Voltolini, Angelo Cercheri e o ajudante Pedro Zalivani, que se tornou o primeiro Irmão leigo na Congregação dos Padres Cavanis.

Alojaram-se na “casinha” junto ao pátio, que também foi o começo da Congregação Mariana e das Escolas de Caridade. Podiam

Casa natal onde nasceram os Fundadores (vista lateral). Ao fundo a igreja Santa Maria del Rosario.



A vista frontal da casa nos permite ter uma noção do tamanho da casa e do estilo de vida que os Fundadores renunciaram para se dedicar aos jovens e crianças.



ter procurado alguma mansão desabitada, pois muitos religiosos ainda não voltaram para requisitar juridicamente de volta os seus colégios e conventos.

Mas Pe. Antônio quer começar como Jesus começou, sob os cuidados de Maria. E a mesma Maria agora começa a Congregação dos Cavanis também na pobreza, nesta casinha, que tiveram de limpar, pintar por dentro, pois ela ficou muito baixa e em qualquer maré alta, as águas entram no porão e no andar térreo. Aí é necessário levantar cavaletes, com pranchas, para caminhar por cima das águas dentro de casa.

Certa tarde, Pe. Marcos volta dum longa andança. Passa pelo pátio, onde está o Pe. Antônio, cercado de alunos, como o pastor no meio das ovelhas.

— Como foi, manito? — pergunta o Pe. Antônio.

O Pe. Marcos quase rompe em lágrimas, abre os braços como para dizer, que voltou de mãos vazias. Realmente, a cozinha esta sem nada, há meninos que esperam o seu farnel diário. A carestia é uma constante em Veneza, devido a estas dependências de poderes estrangeiros, que fazem da ex-Sereníssima, uma

colônia escrava.

Pe. Antônio consola o Pe. Marcos: “Certamente, a Mãe do Céu quer você de novo no meio dos nossos filhos Pe. Marcos mistura-se entre os meninos e, depois de algum tempo leva-os para dentro da capela. Abre o Sacrário e fala com Jesus, dizendo que Ele nunca negou um pedido à sua Mãe Santíssima. E continua: “Jesus, vós amais tanto a vossa Mãe..., tanto..., tanto..., quanto só um Deus a pode amar! E nós amamos vossa Mãe, que é nossa... Por quê não nos ajudais!?”

Nisto, toca a campainha na portaria. Pe. Marcos fecha o Tabernáculo, sai e abre a porta e um desconhecido lhe estende um grande pacote e um envelope com muito dinheiro. Os dois manos inseparáveis se entreolham, voltando a sorrir. Pe. Antônio diz: “A ajuda de Deus sempre vem... donde menos se espera.”

Pe. Marcos completa: “Vivemos a mais bela aventura... que é a divina Providência!”

Carisma de Gedeões!

Como sempre, os dois Cavanis se completam maravilhosamente. Marcos é o mártir do dinheiro, que vai esmolando ao longo dos canais e quarteirões de Veneza. Antônio é o mártir das vocações. Conquista, um por um, os novos companheiros da Congregação, que atrai estes, afasta aqueles e desnorreia outros.

Aos 8 de dezembro de 1826, ambos diante da imagem de Nossa Senhora Imaculada fazem o pacto mariano: o ano de 1827 será totalmente consagrado, no dia-a-dia, à Virgem Santíssima. O ano de 1827 será o “Ano Mariano da Obra dos Padres Cavanis”. Pois serão 25 anos de labutas, vitórias, derrocadas e sofrimentos pela obra, que está cem por cento impregnada da caridade divina.

Será o ano da Virgem. Se todos os acontecimentos marcantes da Congregação aconteceram num dia festivo de Maria, é justo que o ano jubilar de prata seja consagrado a Ela, com todas as festas e todos os dias do ano.

A Congregação dos Padres Cavanis já tem companheiros no céu e justamente jovens: Angelo Battesti, Alessandro Scarelli, Bartolomeu Giacomello. A Congregação apresenta o

primeiro sacerdote ordenado: Matteo Voltolini.

Em 1828, o Pe. Antônio, muito sensível na caridade e na generosidade, teve um golpe muito duro. Um dos jovens seminaristas, o mais generoso, o mais disponível e alegre, vem de repente e diz: “Quero ir embora!”

Pe. Antônio não consegue conciliar tanta generosidade com a súbita desistência. Sente o que Jesus sentiu, quando falou aos discípulos sobre o seu plano eucarístico, para poder permanecer conosco todos os dias até o fim do mundo. O golpe foi muito forte. Pe. Antônio concede, pois o carisma dos Cavanis é radical, total, incondicional. É da caridade absoluta. Faz, da caridade o próprio Deus visível no meio de nós.

A doação da caridade deve ir até a medula do coração. Assume a paternidade espiritual, que entra na contagem eterna, dispensando relógio e balança, desconhecendo chuva e sol, ignorando neve e calor. A caridade “cavanis” deixa a porta sempre aberta, sem as restrições de horas do expediente. A caridade “Cavanis” sempre está crucificada para o bem do próximo.

Os Condes Cavanis — que não deixaram pouca coisa para seguir a Cristo! — abrem

o jogo para qualquer candidato da Obra de Caridade, dizendo: As Escolas de Caridade só aceitam jovens com espírito dos Gedeões. Sempre serão mais valiosos do que milhões de medíocres. Pois o carisma “Cavanis” exige doação total do coração, da mente, do corpo, como o está demonstrando o Pe. Marcos, que há pouco caiu exausto na cama, chegando às portas da morte.

O Pe. Antônio vê resultados consoladores: são 47 religiosos Cavanis, marcados com o carisma da caridade, sendo 30 sacerdotes e 17 seminaristas. Ele reúne todos os estudantes na capela e fala como Jesus, no Evangelho, quando os discípulos não queriam aceitar a Eucaristia:

—Meus filhos... a nossa vocação é uma afronta ao capitalismo, é um incômodo para muitos da Igreja. Seremos gratuitos para com o próximo, como o Pai sempre é gratuito para conosco: “Deus amou tanto o mundo, que deu seu próprio Filho”. A nossa caridade não é intelectual, não é acadêmica, não é social, não é sentimental... a nossa caridade é sem retorno”.

Pe. Antônio faz pequena pausa, respira fundo e com voz trêmula continua: “Se alguém de vocês quiser sair da nossa casa, não

se constranja. As portas estão sempre abertas, tanto para entrar, como para sair. Pois a caridade é divina, justamente nisto, em permitir a liberdade de até ir para o inferno.”

Todos de olhos arregalados, não esperavam uma alocução tão paternal e tão provocante para os brios interiores de cada um. Todos se abraçam. Ninguém sai. Parece que foram marcados com o carisma dos Gedeões.

O Mendigo do Meio-Dia!

Noite em Veneza. Apenas se ouvem as ondas do Canal Grande se chocarem brandamente ao longo das amuradas.

No meio dos quarteirões, uma grande mansão. No andar superior a janela escancarada e, lá dentro, uma luz mortiça. Junto à luz mortiça, diante de uma cadeira de balanço, um homem hercúleo, com veste talar. Lágrimas escorrem das faces já macilentas. O cabelo grisalho indica a idade de 58 anos.

Dentro da casa, um silêncio sepulcral. Sim, sepulcral, pois acaba de ser enterrada uma pessoa muito querida deste histórico casarão.

É a mansão dos Cavanis, cuja história se perde nos começos da Sereníssima República de Veneza. O solitário, sentado junto à janela é o Pe. Marcos Cavanis. Veio do enterro de sua mãe querida, a Condessa Cristina, que faleceu no dia 13 de maio de 1832. A governanta Catina também foi embora, pois não há mais sentido em ficar nesta casa.

Olhando o negrume da noite, o Pe. Marcos sente uma saudade imensa de sua mãe querida. Por um lado sente que cumpriu a von-

tade do pai, quando esteve à morte: “Cuidem da mãe..., e dos pobres!” Marcos cuidou da mãe até a morte, pois morreu com 92 anos de idade. E agora o que fazer?

Toda a vida passada volta à tona, sempre ligada à querida mãe. Todas as manhãs ao sair e todas as noites, ao voltar, beijava a mão da querida dona Cristina. E ela foi dando aos poucos tudo o que tinha para ajudar no sustento das Escolas de Caridade.

Junto à cadeira de balanço vazia, que ficará sempre vazia, está uma imagem de Nossa Senhora. Os olhos banhados de lágrimas do Pe. Marcos se voltam para Nossa Senhora e ele diz, num desabafo filial. “Agora, vós sereis minha única mãe aqui na terra e mais tarde no céu.”

O hercúleo sacerdote, que nunca se viu derrotado, agora cai de joelhos com as mãos postas e os olhos fixos na imagem: “Doravante consagrar-me- ei, ainda mais a Vós, Mãe querida. Não quero dar nenhum passo, que não seja em vossa companhia. Não quero iniciar mais nada sem a vossa bênção. Não quero trabalhar mais em nada, sem a vossa proteção. Que vossa presença me faça feliz aqui na terra,,, e me encha cada vez mais da saudade do céu,

onde espero que esteja a querida minha mãe-zinha...”

As horas noturnas passam e o solitário da man são dos Cavanis continua imóvel diante da cadeira de balanço. O sorriso da mãe volta, de vez em quando, a seus olhos chorosos. O abraço terno dela ainda lhe envolve o corpo robusto. Os lábios trêmulos dela ainda se colam na face do Pe. Marcos. A voz, quase sumida, ainda pergunta, com carinho especial: “Querido Marchetto, como vai o Tonin?”

O sol já brilha sobre as águas canalizadas pelos quarteirões de Veneza. Os gondoleiros cantam as suas melodias, para atrair visitantes. Os vaporetos encostam nos palanques movediços, presos na amurada. Os sinos tocam o Angelus.

O solitário da mansão dos Cavanis continua ouvindo o ranger suave da cadeira de balanço da mãe, que está junto dele, mas... não pode mais abraçá-la!... A voz do pai moribundo volta a soar, rouquenhamente: “Cuidem da mãe... e dos pobres!”

A palavra “pobres” devolve a luz aos olhos do Pe. Marcos. Os pobres lhe causaram as maiores alegrias da vida. Os pobres lhe deram um grande sentido na vida. O amor à

juventude o arranca de junto da cadeira de balanço...

O meio-dia se aproxima. De repente, Pe. Marcos se levanta, fecha a mansão dos Cavanis, como se fosse para sempre e vai. . - até chegar à “casetta do horto”, onde estão almoçando o Pe. Antônio e os primeiros religiosos da comunidade Cavanis.

Marcos rompe refeitório adentro, joga-se de joelhos, abre os braços e fala emocionado: “Querido Irmão Antônio, queridos Irmãos... peço que me aceitem como irmão... não me sinto digno!”

Todos se arrepiam com a humildade do Conde, agora Padre, que pede a esmola de ser admitido também na Congregação incipiente. Pe. Antônio abraça comovido o irmão, e todos em seguida o abraçam e lágrimas escorrem de todas as faces.

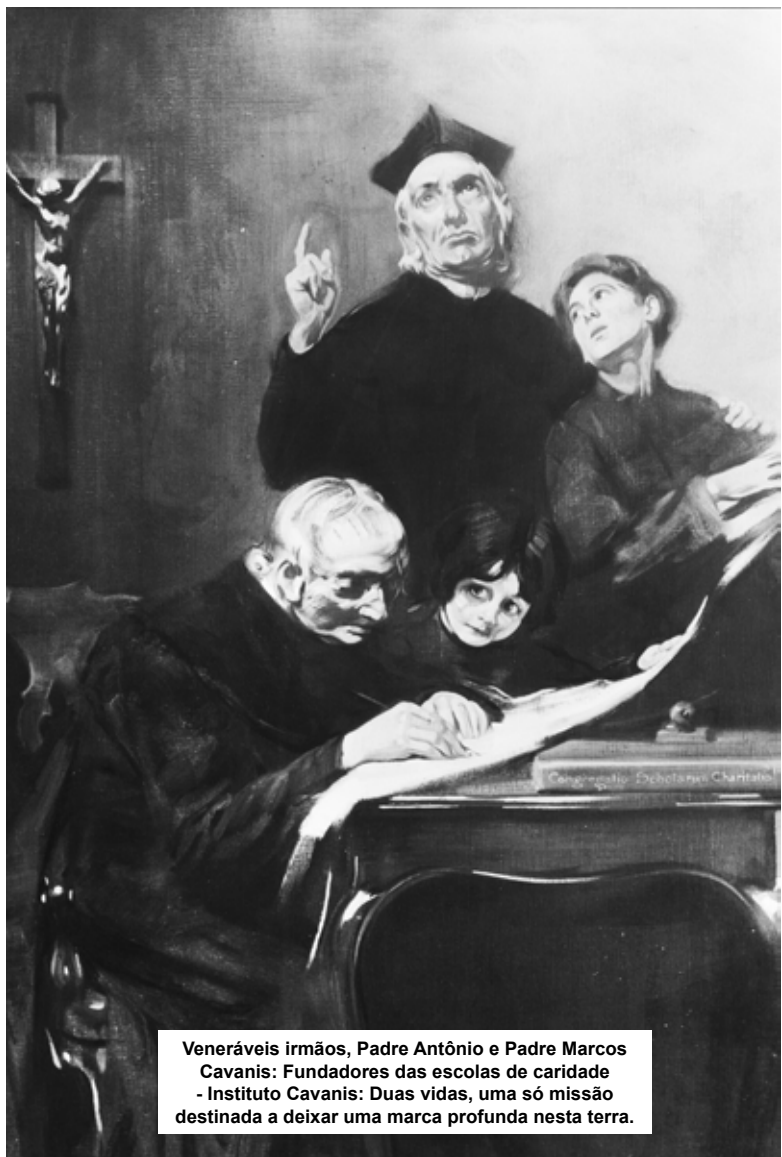
Pe. Marcos parece um mendigo... que pede a graça inaudita de morrer numa casa religiosa. Os jovens seminaristas se envergonham, de suas exigências mesquinhas..., agora sabem o que é vocação religiosa!

Os Cardeais baratinados!

Depois que Pe. Marcos foi admitido na Congregação das Escolas de Caridade, da qual é fundador juntamente com seu irmão, parece que tornou-se o “novo leão de Veneza”, ao lado de Antônio, sempre ajoelhado diante do Sacrário ou misturado com a petizada no pátio e na escola.

Uma força interna o leva irresistivelmente para Roma, onde pedirá a Aprovação Pontifícia da Congregação e de seus Estatutos. Dia de partida: 11 de fevereiro de 1835, mais tarde festa de Nossa Senhora de Lourdes. Durante nove dias está ele, com seu corpanzil, chocalhando dentro da diligência, sobre estradas pedregosas.

Chegado em Roma está zozzo, que nem um pássaro, que passou muito tempo na gaiola e, de repente, está livre. Vendo-o desorientado no meio do casario e das inumeráveis ruas estreitas de Roma, um jovem sacerdote se aproxima para ajudá-lo. Pe. Marcos se identifica e expõe o motivo de sua chegada a Roma. O jovem o leva para a Igreja de São Pantaleão, onde estão os padres de São José Calasanz, o ídolo dos dois Condes Cavanis.



Veneráveis irmãos, Padre Antônio e Padre Marcos Cavanis: Fundadores das escolas de caridade - Instituto Cavanis: Duas vidas, uma só missão destinada a deixar uma marca profunda nesta terra.

Lá está o corpo do grande santo da caridade. Como primeiro gesto espiritual, Pe. Marcos reza a missa, junto ao corpo do grande santo. O Padre escolápio, que o recebeu com muito entusiasmo, leva-o à casa dos Padres Vicentinos, outros campeões da caridade, que o acolhem por quanto tempo precisar.

Em seguida, visita a sepultura: do primeiro Papa, São Pedro, pedindo ajuda. Aliás, o Pe. Marcos também agradece, pois todos os Papas, desde o início da obra dos Cavanis, apoiaram os dois Condes venezianos.

Pio VII foi duma amizade concreta, doando o Palácio Comer. Leão XII mandou em 1928 uma carta de louvor. Agora, Gregório XVI, nascido em Beiluno, na região vêneta, não deixa por menos. Conhece os Cavanis. Mandou-lhes duas medalhas de ouro, como sinal de apoio, na luta pelo ensino livre, em que os austríacos são muito desconfiados. Pe. Marcos qualifica os Imperadores, quanto ao ensino, da seguinte maneira: o Imperador francês só queria dinheiro, mesmo que fosse sacrílego. O Imperador austriaco, ou melhor os seus subalternos, queriam centralizar a cultura, pelo ensino estatal.

Um padre vicentino leva o Pe. Marcos ao Vigário Geral de Roma, o Cardeal Odescal-

chi, que o acolhe com muito carinho e já marca a primeira audiência com o Papa, para o dia 10 de março de 1836. O Cardeal Odescalchi, que está com um pé dentro da Ordem dos jesuítas, recentemente restaurada, empolga-se com o carisma dos Cavanis.

E lá vai o Pe. Marcos, com a batina desbotada, pelos vastos corredores e ante-salas do Vaticano. Um orrepio passa pela espinha dorsal: “A miséria de nossa “casetta” em Veneza, como berço duma Congregação, passa vergonha diante da riqueza ir1onumental de Roma. Ainda bem que a Igreja não consiste em monumentos frios, pesados, gélidos... mas no sopro do Espírito Santo, e Ele sopra onde quer...”

Horas passam, na ante-sala. Pe. Marcos sorri para si mesmo. É a eterna burocracia que ele conhece desde o Palácio Ducal em Veneza até os pés do Papa. Prevê que não será fácil dialogar com simplicidade evangélica. Deverá endossar a linguagem diplomática estereotipada.

Aos pés do Papa, o Pe- Marcos se move. O Santo Padre sabe da vocação milagrosa dos Cavanis . E dialoga, em dialeto veneziano, com o caridoso fundador. O Papa

promete ajuda e remete-o a um Cardeal, chefe da secção das aprovações de Congregações novas. Pe. Marcos enrugou a testa: “Agora vou sofrer o jogo de empurra”. E era verdade.

O Papa parece o Imperador da Áustria, que se esbanjou em amizade, mas os subalternos freiam, onde podem. Gregório XVI aceita segunda audiência, aceita terceira audiência e no dia 10 de agosto, aceita a quarta audiência do Pe. Marcos, que irradia a caridade do céu nos seus olhos de criança.

Os Cardeais não aceitam a Congregação com simplicidade super-franciscana, querendo viver da caridade e esbaldando-se na generosidade. Os Cardeais estão baratinados. Estão escandalizados com a “ingenuidade” de dois Condes venezianos, que aliás eram riquíssimos. Onde se viu? Confiar cegamente na caridade do próximo e jogar as forças vitais gratuitamente para fora. Os Cardeais exigem uma garantia “humana” de sua subsistência.

O Santo Padre, tendo em mãos as recomendações do Patriarca de Veneza, Dom Monico, despede o Pe. Marcos, garantindo a sua atenção perene.

Com a ameaça da cólera em Roma, que está vindo traiçoeiramente desde a Rússia, o

Pe. Marcos achou por bem partir no dia 15 de agosto de 1836, temendo ser retido pela polícia, que o seguraria até passar o perigo desta epidemia.

E, nos vastos corredores do Vaticano, os Cardeais continuam baratinados. Exigiram mais clareza nas Constituições, e o Pe. Marcos não desanimou: mandou vir de Veneza as correções exigidas. E Pe. Antônio hipotecou para a contabilidade vaticana a grande mansão dos Cavanis, empinada há séculos sobre as águas salgadas do Mar Adriático.

Os Cardeais não conseguem assimilar este carisma talvez um dos mais puros do Evangelho: “viver de esmola e dar tudo de graça com o máximo amor do coração.”

Alguns Cardeais resmungam: “Isto já era...” Outro, baseando-se na evolução da história da espiritualidade na Igreja: “São Francisco viveu no século XIII. A Idade Média passou...”

Mas o Papa, iluminado por Deus, captou diante de si, através dos olhos de criança do Conde Cavanis de Veneza, o fogo do amor divino desabado do céu, irradiando pela Itália afora...

Se o Demônio existe...

São Pedro, numa de suas cartas, afirma que o demônio nos ronda como um leão a rugir. Certamente dum modo imperceptível, tão imperceptível, que parece não existir. É tão esperto, que anda vestido como um anjo de luz. Ainda bem que Deus colocou ao lado de cada homem um Anjo da Guarda; se este for invocado constantemente o demônio jamais chegará perto.

Pe. Marcos saiu esperançoso de Roma. As audiências com o Papa causaram-lhe alegria celeste. Está convencido de que a devoção ao Papa é radical, para todos que pretendem viver a Igreja, na intimidade trinitária. Sem o Papa não há Igreja visível.

Os sete meses passados em Roma, foram além de toda a previsão. O atraso maior foi devido aos Cardeais, que exigiam uma segurança mais humana da Congregação. Mas, o Papa ficou fascinado, quando Pe. Marcos lhe disse, numa ingenuidade de criança, que descobriram, em Veneza, que muitos jovens perderam o ambiente aconchegante familiar e que não há pais para estes jovens. Por isso, eles queriam ser verdadeiros pais tanto para

esta juventude abandonada, quanto para a não abandonada.

Quando a certa altura, o Pe. Marcos disse que não estava sozinho nesta audiência, mas que tinha atrás de si, torcendo com orações e sacrifícios, centenas de filhinhos e filhinhas, o Papa sorriu empolgado. Estava diante dum carisma, talvez inédito no céu místico da Igreja.

Amar os jovens como pais. .. deixar as portas da casa sempre abertas e não Lixar aviso dos horários pastorais, das 8 da manhã até às 12 horas e das 14 até às 16 horas. Fora deste horário não existe ninguém.

O carroção, puxado por várias duplas de cavalos e algumas juntas de bois, nas subidas íngremes dos Apeninos e dos Alpes, continua sacolejando, e os passageiros apinhados lá dentro como numa gaiola asfixiante.

Com o Pe. Marcos, viajam dois monges cistercienses e um padre agostiniano. Numa das grandes escaladas pedregosas, para dar mais leveza à carruagem e respirar um ar puro, Pe. Marcos e alguns outros descem, caminhando à frente com maior liberdade.

A estrada é alcantilada, pedregosa, estreita, com a muralha do monte dum lado e do

outro um perau íngreme. Numa curva fechada, vem desabando lá de cima uma tropa de mulas, carregadas com barris de azeite. Caindo em cima da carruagem, assustam-se e dispararam pelos dois lados abaixo. Um barril de azeite derruba o Pe. Marcos, encostado na amurada da montanha e ele cai de frente ao chão, torcendo o pé. A carruagem veio por cima dele. O condutor da diligência segura os animais, com berros desesperados e os passageiros entram num alvoroço de choro e gritos. A carruagem passa por cima dele, aos socos por causa das pedras.

O Pe. Marcos levanta-se, sacode a batina, manchada de argila, esfrega as mãos, puxa a perna e sobe à carruagem. Que houve? Como foi? A carruagem passou por cima? Não quebrou nada? Milagre?

O Pe. Marcos, como que acordado dum prolongado sono, relembra todos os pormenores. Só se lembra, que viu a carruagem avançando sobre si impiedosamente. Ia ser partido em dois, ou então as costelas e a espinha dorsal reventadas. Nisto ele gritou, de olhos fechados: “Mãe do Céu... valei-me! Valei-me!”

Só sabe que está na diligência, como se nada tivesse acontecido. Se a carruagem pas-

sou por cima duma grande pedra, que acobertou o seu corpo caído ou se houve maior intervenção divina, ele não pode afirmar.

Em todo o caso, Pe. Marcos não nega, que o demônio tenha tido alguma parte neste episódio, que permanece um mistério. Talvez o demônio não esteja aplaudindo o surgimento duma nova Congregação na Igreja, e ainda mais tratando-se da caridade, que sempre atinge a Deus diretamente na sua essência divina.

Como diz São Paulo, a caridade perdoa pecados, e o texto grego, original, afirma que perdoa todos os pecados. E o demônio também conhece muito bem exegese, embora com ódio.

Quando a diligência chegou em Loreto, o Pe. Marcos correu imediatamente ao Santuário de Nossa Senhora, onde se diz estar guardada a casa da Sagrada Família. Reza missa de ação de graças em honra de Nossa Senhora de Loreto. O felizardo não duvida mais, de que os Cavanis estão marcados para sempre com o signo de Maria, O demônio deve ter muito ódio dos Cavanis.

Cadê as medalhas de ouro?

Os dois irmãos Cavanis inseparáveis, como sempre, na dor e na alegria. Completam-se a cada passo. Ora Antônio decide, ora Marcos propõe.

Numa manhã, Marcos toma a dianteira. Quer dizer, está sentado na frente de Antônio. O Pe. Antônio está ajoelhado diante do Pe. Marcos, que está sentado diante do altar. A cena se desenrola na capela da Escola de Caridade.

O recinto está apinhado de gente. O governador de Veneza está presente. Muitos sacerdotes. Todo o grupo voluntário da caridade divina, no total de 25 pessoas. Outros não puderam vir das cidades vizinhas. É o dia 13 de julho de 1838.

O Pe. Antônio terminara o seu retiro de três dias. Os dois Cavanis só acreditam nas grandes decisões, quando brotam do retiro. Por isso incluíram como segunda finalidade de sua Congregação o apostolado do retiro. Pois no retiro acontecem as grandes uniões de almas e os profundos encontros com Deus.

No retiro, fala Deus e o homem escuta. No retiro, a alma sintoniza com Deus. No reti-

ro o silêncio transforma. No retiro Deus toma a dianteira. No retiro, a caridade se purifica ao máximo.

Pe. Antônio já está com os olhos semi-apagados. A cegueira está tomando conta. Está ajoelhado, silencioso, com os olhos fitos no chão, para esconder as lágrimas que escorrem pelas faces. Depois de 36 anos de lutas e labutas ei-lo finalmente com o coração transbordante de alegria.

Pe. Marcos lhe passa o hábito religioso, aprovado pela Igreja. Sim, a aprovação da Congregação veio de Roma, assinada pelo Papa Gregório XVI. O Papa jamais há de negar uma Congregação, que só quer fazer o bem; uma Congregação, que ninguém consegue odiar. Pois a Congregação dos Cavanis só espalha amor, caridade, benquerência, amor e mais amor.

O Pe. Marcos também chora silenciosamente, pois ele foi encarregado de colocar seu irmão Antônio como primeiro membro da Congregação e simultaneamente como Superior Geral.

No dia seguinte Pe. Antônio emite os votos religiosos. E Pe. Marcos pensa num desafo de lutas: “Como foi difícil conseguir a Apro-

vação da Igreja! Por quê ninguém acredita no milagre da gratuidade? E, para conseguirmos a aprovação tivemos que provar, que tínhamos uma grande mansão por herança e somente então veio o “sim” oficial. Confiamos ou não confiamos nas obras de Deus? Será que sempre é exigida uma mistura e intromissão humana, um ingrediente computadorizado? Deus é ou não é o único e absoluto dono do mundo?”

No outro dia, Marcos e os demais companheiros recebem a vestição e emitem os votos. E o povo aplaude a vitória destes dois leões da caridade em Veneza.

Além da Aprovação oficial da Igreja, veio mais um apoio decisivo e amigo: o Patriarca de Veneza, Cardeal Jacó Monico, veio, no dia 16 de julho de 1838 trazer o seu apoio cordial e amigo. Os dois Cavanis se entreolham sorrindo. Então o Pe. Marcos diz: “Tonin, hoje é a Festa de Nossa Senhora do Carmo!” Pe. Antônio responde: “Tinha que ser. Ela é a fundadora de nossa Obra.”

E já vem o terceiro gesto de amizade. O Imperador da Áustria mandou duas medalhas de ouro, com um grande Diploma de benemérita, assinado pelo Imperador pessoalmente.

E os dois manos se abraçam, com lá-

grimas de alegria, gratidão e caridade. Con-
venceram-se de que, apesar de tantas lutas
e dissabores, a caridade sempre vence. Ela é
uma força celeste. Ela é desarmada e sempre
atrai. Por isso, o Papa não fez dificuldade em
dar quatro audiências quase sucessivas ao Pe.
Marcos. Por isso o Imperador Francisco José
visitou duas vezes o Instituto Cavanis e rece-
beu três vezes em audiência o Pe. Marcos. Por
isso, tantos benfeitores sentem como honra
ajudar os Irmãos Cavanis.

Tonin e Marchetto olham as medalhas
de ouro e dão um sorriso em que ambos pen-
sam a mesma coisa- E, no dia seguinte, cadê
as medalhas de ouro? Desapareceram. Foram
vendidas para ajudar os filhos pobres, de quem
os Cavanis são verdadeiros pais.

O francês quase linchado!

Por incrível que pareça, muitas vezes Deus intervém na vida dos Cavanis, com sinais visíveis e prodigiosos.

Na compra do Palácio da Mosto, fez voltar a E o nonagenário dono, para assinar o contrato de venda. Quanto ao ensino nas Escolas de Caridade, um alto funcionário chamado Passy, quis opor-se aos privilégios dos dois Irmãos, e, de repente ficou doente, chegando à beira da morte. Quando melhorou, foi logo ao encontro de qualquer desejo dos Padres Cavanis.

Na verdade Tonin e Marchetto resolvem todos os assuntos lá de cima, de junto do Pai do Céu, que tudo governa e que escreve melhor por entre linhas tortas, do que nós, por linhas certas.

No ano de 1841, veio de Viena a total aprovação do ensino dos Cavanis. Tiveram mão livre com todo o reconhecimento governamental da Áustria. A data da liberação total foi no dia 8 de dezembro, “como tinha que ser”, diria o Pe. Antônio.

A proteção mais fulminante do alto, se deu quando a Igreja de Santa Inês foi posta em



Vista parcial do Palazzo da Mosto.

Palazzo da Mosto - Edifício que a partir de 1806 passou a escola que ainda hoje se encontra ativa.

A “pequenina” Capela do Crucifixo onde foi iniciada a “obra” Cavanis em 1802 e onde, desde 1923, se pode visitar a tumba onde foram sepultados os Veneráveis Padre Antônio e Padre Marcos Cavanis



Igreja de Santa Inês

leilão, na cidade de Veneza. O grande sonho dos Cavanis era possuir esta igreja, onde foram batizados, onde ensaiaram os primeiros passos sacerdotais e onde é o berço espiritual da Congregação. Interessava, sobretudo, a Capela do Crucifixo, como se lá tivesse iniciado o fogo do amor celeste.

A Igreja de Santa Inês foi profanada por Napoleão em 1810 e transformada em armazém e depósito de lenha. Ficou secularizada até 1839, quando o governo austríaco, mais religioso, usou o seguinte estratagema: vender a igreja, supondo que a compre alguém, que vá restaurá-la para o culto religioso.

O leilão começou com grande presença do povo. Os Cavanis entraram no páreo... mas de repente surge um comerciante francês, chamado Francisco Charmet, que joga alto, para ninguém competir. Faz o lance de 7.150 liras austríacas. Os Cavanis tiveram que desistir.

O francês ia se retirando, com o sabor da vitória, quando o povo começou a gritar: "Joguem na água.., na água!" Para que? O homem ficou apavorado. Seria linchado, se a polícia não interviesse. Depois de uma semana sofreu uma grave desgraça e, no desespero chamou os Cavanis, para que tomassem a

Igreja e lhe pagassem uma soma bem menor. Alguém lhe deve ter dito, que não fosse contra os Cavanis, o que era o mesmo de ir contra Deus. Deus defendia os Cavanis com milagres e castigos...

O problema agora é restaurar a igreja, que praticamente ficou em ruínas. A previsão da reforma é para quinze anos. Com o coração saltando pela boca, o Pe. Marcos se põe a caminho, trôpego, cansado, encurvado, mas vai ao longo da grande estrada que liga Veneza a Turim.

E no caminho encontra outros campeões da caridade, cada qual com seu carisma típico. Em Verona, Gaspar Bertoni, fundador dos Estigmatinos. Em Brescia, Pavoni, fundador dos Filhos de Maria. Em Turim, o Padre da Forca, José. Cafasso, que assiste a todos os condenados à morte. A Marquesa de Canossa já está vivendo a caridade celeste.

O Pe. Marcos voltou de mãos quase vazias... mas o coração cheio de caridade, que repartiu com os diversos fundadores que encontrou. E, após o encontro com estes arautos da caridade, Pe. Marcos sabe, que a caridade não terminará, enquanto houver algum necessitado neste planeta.

Tiro pela Culatra!

1848. Mês de março. Cheiro de pólvora nos ares de toda a Europa, a começar na França, onde o rei fugiu para a Inglaterra. Descontentamento na Áustria, justamente nas regiões dominadas: o Vêneto, Lombardia e Piemonte, ao norte da Itália.

Hungria também se revolta. O gosto da liberdade toma conta de Veneza. Alguém grita “Viva São Marcos” e revivem os brios da ex. Sereníssima República. O povo rompe prisões adentro, libertando os líderes. E os austríacos batem em retirada.

O Patriarca de Veneza benze a bandeira da Veneza ressuscitada e o leão, na Praça de São Marcos, parece levantar a vasta juba, como se quisesse pular do monumento ao chão da liberdade. Mas ele continua dormindo o sono eterno da derrota. Os restos mortais de São Marcos, dentro da Basílica, continuam alheios a esta revolução, que é mais no grito do que na artilharia.

Os dois Cavanis, acostumados a todas as flutuações da vida humana e, ainda mais política, pois passaram anos nos gabinetes governamentais, não estão lá muito entusiasmados.

Mesmo assim, Pe. Marcos, sentindo o

peso dos anos e ainda mais o cansaço das pernas, pois ele parece o andarilho São Francisco Xavier, que fez várias vezes a volta ao redor do mundo, mesmo assim o Pe. Marcos se apresenta ao novo Ministro da Cultura, Nicolás Tommase, que foi arrancado da prisão pelo povo vitorioso.

Tommase recebe o Pe. Marcos com respeito: “Seria uma grande ingratidão não reconhecer o bem que os Cavanis fizeram a Veneza”. Pe. Marcos, que vê tremular a quarta bandeira, na Praça de São Marcos, volta para casa, novamente tranqüilo.

Mas, a águia de duas cabeças sentiu-se ferida no orgulho de sua soberania. A Áustria arma um exército gigantesco e marcha, que nem um trator, por sobre a cidade das inúmeras pontes. Veneza arregimenta até meninos de 10 anos, para salvar a Sereníssima recém-ressuscitada.

De longe, os austríacos bombardeiam a cidade de Veneza, ininterruptamente. Bombas caem dentro do pátio da Escola Cavanis, outras atingem o instituto feminino. Pe. Marcos leva os seminaristas até o Seminário do Patriarca de Veneza. O Pe. Vittorio Frigiolini permanece com alguns seminaristas na casinha pobre da

Congregação.

O bombardeio austríaco continua dia e noite. O estoque dos víveres termina em Veneza. Os armazéns, vazios, e a comunicação para fora, interrompida. Até por água é impossível sair para o alto mar e buscar alimentos para o povo faminto.

O bombardeio continua causando estragos em todos os quarteirões de Veneza. Após onze meses de assédio, em 1849, Veneza desespera: corre sangue inútil, rebenta a cólera, alastra-se a fome, surge o espectro da morte, em massa.

As munições também terminaram. Os revolucionários propõem paz aos austríacos. Estes não querem conversa. Exigem rendição incondicional. Apenas prometem não matar.

E, no dia 28 de agosto de 1849, o general austríaco Radetzky entra triunfalmente em Veneza.

Pe. Marcos fala ao Pe. Antônio, quase cego: “Tiro pela culatra...” E continua: “É a quinta vez que trocamos a bandeira no mastro da Praça de São Marcos!”

E o Pe. Antônio que ouve mais do que vê: “Será que os austríacos se vingarão também de nós?” O Pe. Marcos responde: “Pelo

menos desconfiarão um pouco.” E prossegue: “Nós ficamos neutros nesta questão... pois sabemos de sobra que as coisas humanas não duram... terminam.”

O Pe. Antônio, sempre com a espiritualidade no coração: “Sim, tudo termina, até a fé e a esperança... mas a caridade continua sempre e nem no céu vai terminar!”

Sinos para Marcos!

Às vezes, Pe. Antônio e Pe. Marcos sentam-se bem juntos, como duas pombas ou como eles mesmos dizem, como a águia austríaca de duas cabeças mas um coração.

Lembram as coisas passadas. Alegram-se com as festas de Maria, em que aconteceu algum pequeno milagre. Saboreiam a amizade dos ricos e dos pobres. Recordam a Rainha Mariana da Austria que se afeiçoou muito ao Pe. Marcos, dando-lhe generosas ajudas.

Lembram dos Papas que tanto lhes quiseram bem. Os Patriarcas que respeitaram e defenderam o seu ideal, que fez da Providência Divina a mola mestra do apostolado.

Olham o futuro, mas não conseguem vislumbrá-lo com os olhos carnis, pois Pe. Antônio está completamente cego e Pe. Marcos deve tatear ao longo das paredes da casa e ao longo dos muros da cidade.

Ambos já entregaram os seus cargos. Pe. Antônio passou o comando espiritual da Congregação para o jovem Pe. Vittorio Frigiolini, que morre três meses depois de assumir, com peritonite vazada. Logo, escolheram o Pe. Sebastião Casara, que assimilou toda a vida

íntima dos Padres Cavanis. O que interessa para o futuro, pensam ambos, é haver vocações decididas.

— Decididas, — insiste o Pe. Antônio, procurando com a mão alguma coisa firme, mas o gesto fica no ar. — Decididas. Nós tivemos jovens, que entraram e saíram quase ao mesmo tempo, porque não agüentaram a dureza de nossa vida. Estar à disposição da juventude as vinte e quatro horas do dia não é regra religiosa, que se acha por aí.

Após leve pausa, Pe. Antônio continua: “Outros agüentaram alguns anos e sumiram. Mas outros jovens ainda dedicaram-se tanto à caridade, que morreram jovens. Estes são os mártires brancos, que vão diretamente para o céu. Pois a caridade é o céu aqui na terra e lá no céu...”

As duas pombas Cavanis estão arrulhando aos raios do sol. Quereriam morrer juntos e serem enterrados também juntos. O Pe. Marcos diz: “... de preferência na Igreja de Santa Inês, o berço da Congregação. Mas a igreja de Santa Inês vai devagar na reforma, pois foi tão judiada pelo sacrilégio napoleônico!”

A estas alturas Napoleão já deu contas no Supremo Tribunal de Deus. Não terá sido

fácil ele se desculpar. Levar um Papa acorrentado no fundo duma carruagem até a França e tê-lo como prisioneiro... não se sabe, se existe perdão. É um pecado frontal contra o Espírito Santo.

Certa manhã, Pe. Marcos voltava da Igreja do Rosário, onde havia ido confessar-se com um padre dominicano. Passando pelo pátio, vê o irmão cego, rodeado de jovens que lhe beijam a mão e o escutam atenciosamente. É emocionante vê-lo passar carinhosamente a mão de cego sobre as cabeças jovens e dar o seu conselho da caridade.

Alguém comenta com o Pe. Marcos, que, entretimentos, parou no pátio: “parece um pai!” Mas ele protesta: “Qual nada... parece uma mãe!” E continua: “O pai sou eu que arrumo a alimentação...”

Ao meio dia o Pe. Marcos está jocoso como sempre. Mas no jantar, o Pe. Sebastião, sentado a seu lado, percebe que a sua língua está enrolada. Chama o médico. Constata-se apoplexia. Fazem sangria- Não adianta. É o dia 11 de outubro de 1853. O Pe. Marcos diz ao enfermeiro: “Rezem, para que eu tenha uma boa passagem...”

Foi a última frase. Emudeceu. A mente

se perturba. Fica incôncio. Recebe os últimos Sacramentos, De repente, volta a lucidez. Ele se ajoelha sobre a cama, abre os braços ao encontro da imagem de Nossa Senhora. Parece uma criança falando com sua Mãe.

É emocionante. Parece que alguém chega a seu encontro, também de braços abertos. Certamente é a Mãe do Céu, que vem buscá-lo.

O sino da igreja toca funebremente, anunciando a agonia de alguém. O Pe. Antônio, no quarto, leva um choque e pergunta: “O Pe. Marcos está morrendo? Levem-me a ele, por favor!”

Após a meia-noite o Pe. Marcos adormece... tentava ainda levantar-se para ajoelhar-se de braços abertos para a imagem de Nossa Senhora. Mas Ela já o abraçou definitivamente. -, pois este privilégio de ser recebido pela própria Mãe do Céu reservado a todos os seus devotos sinceros.

Daí a pouco entra o Pe. Antônio, totalmente cego. Toma a mão do Pe. Marcos, beija-a demoradamente e chora, dizendo: “Seja bendita a Vontade de Deus!” E geme: “Marchetto me leve junto...”

E o rosto do Pe. Marcos está tranqüilo, sereno, feliz... pois foi um devoto entranhado de Maria!

Inseparáveis... no Céu!

Pe. Marcos morreu no ano de 1853. Pe. Antônio também queria morrer, tal a saudade do mano. Mas, Deus quis que ele continuasse sentado no meio do pátio, recebendo o beija-mão dos alunos e pousando a mão na cabeça de todos, abençoando-os.

Assim, seus filhos espirituais sabem, que quem entrar na Congregação dos Cavanis, deve ter coração de pai, sempre, até a morte. É emocionante vê-lo cercado de tantos jovens, que de fato o querem como a um pai.

O Pe. Sebastião Casara, Superior Geral da Congregação absorve todos os conselhos com a caneta na mão. Transcreve um exaustivo testamento espiritual do Pe. Antônio.

A espiritualidade “Cavanis” começa com a Sagrada Escritura: “todos leiam uma página da Escritura, cada dia, de cabeça descoberta e de joelhos, procurando tirar proveito para a vida de caridade.”

A Eucaristia é o ambiente mais aconchegante de cada padre da Caridade. São José Calasanz será o padroeiro perpétuo da Congregação, devido à sua caridade incondicional. Mesmo assim, há bons amigos celestes, que o

Pe. Antônio queria que não fossem esquecidos na espiritualidade da caridade eterna.

É o Arcanjo São Rafael, que acompanhou o Pe. Marcos, várias vezes ao redor do mundo, se contarmos os quilômetros andados por ele, ou a pé ou de carruagem. São Luis Gonzaga participou do nascimento da Congregação. São Vicente será sempre um modelo fascinante da caridade, e jamais será esquecido o favor dum padre vicentino, em Roma, que deu pousada durante sete meses ao Pe. Marcos. A devoção medular, que é como a respiração de cada dia, deve ser para com a Mãe do Céu. E o eixo central do carisma “Cavanis” será a caridade, sem relógio, sem geografia, sem horizontes.”

Pe. Antônio diz abertamente que talvez as vocações para a Congregação sejam difíceis, mas garante que as vocações verdadeiras que vierem, serão muito felizes.

Alguns filhos espirituais, vendo-o imóvel na cama e com lucidez esporádica, perguntam: “E no céu vai se esquecer de nós?”

E ele com a simplicidade de sempre: “Será que esquecerei da caridade no céu?” Quantas vezes ele disse nas instruções diárias, que a caridade no céu é mais ampla, mais

forte, mais divina e mais eficiente.

Pe. Marcos foi exumado do cemitério municipal de Veneza e seus restos mortais já repousam na Igreja de Santa Inês, totalmente reformada. Pe. Antônio acompanhou, pelos ouvidos, a trasladação triunfante do mano e já se atreve a invocá-lo.

No dia 12 de março de 1858, aos 86 anos, Pe. Antônio dá sinais de que está prestes a se encontrar com o irmão Pe. Marcos. Recebe as indulgências e últimos Sacramentos. Pe. Sebastião pede que abençoe a todos os filhos próximos e distantes. Ele o faz, terminando a dizer três vezes “Amém, Amém, Amém.”

Às vezes as convulsões nervosas, de que sofre há muitos anos, juntamente com a falta de ar, proveniente das eternas visitas ao Hospital dos Incuráveis, parecem indicar o fim próximo. Num destes acessos, o Pe. Sebastião começa a rezar a Ladainha de Nossa Senhora.

Os títulos da Mãe do Céu, ecoam suas vozes no quarto do moribundo, enquanto todos respondem com soluços da orfandade iminente “rogai por nós”... E na medida em que seguem os títulos, um mais cativante que outro, Pe. Antônio se tranqüiliza, o rosto se apresenta sereno, os lábios parecem desabrochar num

sorriso e ele adormece placidamente, no Senhor... e ninguém nota.

Certamente, a Mãe do Céu o buscou num destes títulos sonoros. . . e, no recinto espalha-se a sensação de que morreu um santo muito agradável, porque agradável à Mãe do Céu..• Ninguém mais duvida, lembrando também a morte do Pe. Marcos, que todos os religiosos da Congregação “Cavanis” estão predestinados a ter uma morte muito suave, tranqüila, serena... porque são entranhadamente consagrados a Nossa Senhora.

Quem vê o rosto sereno do Pe. Antônio é levado a pensar: “Deve ser lindo morrer sob o olhar da Mãe de Deus!” “E cair nos seus braços maternos!”

Os jovens seminaristas sentem-se confirmados na vocação e alguém arrisca a dizer o seu sentimento interno: “Deve ser lindo morrer como apóstolo da Caridade!”

A Caridade continua...

Quando o Pe. Antônio foi enterrado junto aos restos mortais do seu mano Marcos, atrás do altar- mor da Igreja de Santa Inês, parece que todos sentiam que há dois grandes intercessores no céu.

Parece que todos sentiam, que a caridade não é interrompida pela morte corporal dos homens.

Todos sentiam, que a caridade é a única demonstração visível do céu, na terra. Ela é a única riqueza que não é corroída pelo tempo.

Sentiam, que os Condes Cavanis estavam vivos como antes. Faltava apenas vê-los: um no meio do pátio, rodeado dos jovens que parecem ser seus filhos, e outro, caminhando ao longo dos canais, pedindo esmola para seus filhos famintos.

Quantos pares de sapatos desgastaram os pés do Pe. Marcos. A sua batina sempre surrada e desbotada. É o contraste daquele Conde aprumado atrás da escrivaninha no Palácio Ducal e agora, com a batina tão surrada, que em Viena lhe pediram que comprasse uma nova, para aparecer na presença do Imperador.

Todos estão convencidos de que os

grandes intercessores no céu são aqueles que eram pobres na terra, não guardavam ódio no coração, amavam a todos sem distinção e sem preferência. A caridade é sempre de dignidade divina e igualdade infinita.

Quando em 1923, os restos mortais dos dois Condes Cavanis foram trasladados para a Capela do Crucifixo, anexa à Igreja de Santa Inês, colocados juntos na parede lateral, foi deixada esta inscrição na lápide funerária: “Os Irmãos Antônio Ângelo e Marcos Antônio, Condes Cavanis, autênticos pais da juventude e fundadores da Congregação dos Padres Seculares das Escolas da Caridade.”

Os filhos espirituais dos Irmãos Cavanis sabem como fazer a propaganda vocacional: é dispensar cartazes e papéis impressos. Cada filho dos Condes Cavanis leva o amor de Deus ao vivo pelas terras, onde pisam.

Eles são tochas vivas do fogo desabado do céu... A caridade foi o fascínio dos Condes Cavanis e será a atração de todos que queiram sentir a máxima alegria possível no coração humano.

A alegria da caridade é a alegria do próprio Deus. Sim, a caridade continua... porque é eterna!

Os dois Leões de Veneza!

1992. É a terceira vez que estou em Veneza. Em cada visita aumenta a simpatia por esta cidade. Estou com um grupo de brasileiros hospedado num hotel perto da Praça de São Marcos.

O Superior Geral da Congregação dos Padres Cavanis, naturalizado brasileiro, pediu-me que escrevesse a biografia dos fundadores.

Desenharam-me um mapa, para achar mais facilmente a Casa Central dos Padres Cavanis. Caminhei ao longo dos canais, subia os pontilhões abaulados — abaulados, para dar passagem por baixo aos muitos barcos e vaporetos — passava pelas muitas praças pequenas, capazes de desorientar o turista mais atento.

Em cada esquina achava uma novidade: ou um palácio, ou uma casa típica ou uma estátua equestre. Guardei bem o nome da Ponte Rialto, uma das mais movimentadas. Cheguei lá.

Passei para o outro lado e vi em letras garrafais pintado na parede dum casarão: Academia. Não dei atenção: agora sei, que afetava

os Cavanis desde o começo de sua formação intelectual.

E já vi uma avenida larga e curta, em terra firme. Topei com um senhor idoso bem trajado — dizem que os italianos são os mais bem trajados da Europa! — e o abordei dizendo apenas a palavra “Cavanis”.

O rosto do venerando ancião se iluminou. Apontou para um casarão na distância de cinquenta metros, e disse num alegria esufizante: “Eu estudei com os Cavanis Parece uma honra ter estudado com os Cavanis. E o desconhecido senhor me cativou com a sua disponibilidade simpática. Na hora, achei uma tremenda novidade. Agora, que o livro está escrito, percebi que este ex-aluno talvez da sexta geração ainda leve consigo algo da caridade cordial dos manos Antônio e Marcos Cavanis.

Ele foi comigo até a porta da Casa Geral, que é a mesma da fundação, a saber, o Palácio Da Mosto.

O Superior Geral, que trabalhou muitos anos no Brasil, levou-me à capela, depois à Igreja de Santa Inês e por fim à Capela do Crucifixo e paramos junto à lápide funerária com o perfil dos dois fundadores.

Pensei comigo: mais dois fundadores

entre os vinte que já escrevi para outras Congregações Religiosas. Será que terão algo de especial, aquela “pimenta” que provoca a criatividade do escritor?

Agora, que terminei este livro — e tive que puxar o freio para não ultrapassar a numeração dos capítulos — agora me convenci de que a verdadeira caridade é a mesma do céu, é amorosa aqui e lá, é forte no tempo e na eternidade, é uma só medalha, com verso e reverso, isto é, o mesmo amor do meu coração, que bate dentro do meu peito, atinge com o mesmo impulso Deus e os homens. Não posso separar Deus dos homens e nem os homens de Deus. Seria conseguir o impossível de ter só um lado da medalha.

Por isso a autodefinição dos dois Cavanis serem como a águia austríaca, — duas cabeças e um coração — é a definição completa da caridade evangélica.

Todos devíamos ser como a águia austríaca de o próximo e eu termos um só e mesmo coração.

* * *

Olho para o leão amortecido na Praça de São Marcos, que simboliza a morte da República de Veneza. Agora vejo os dois irmãos Cavanis como dois leões nos quais pulsa o mesmo coração do fogo da caridade divina. E eles deram a Veneza uma fama de simpatia e paz interior...

Levaram a caridade até as últimas conseqüências, a ponto de concretizarem na Igreja um carisma, que pode estar impresso em muitos manuais e livros de constituições, mas que para os Padres Cavanis deve ser transmitido ao vivo, de coração para coração...

* * *

Resumindo: os dois Cavanis foram “vocações fortes”, isto é, brotaram duma grande decepção do passageiro e simultaneamente duma busca tenaz do eterno. Deixar um cargo tão rendoso, como deixaram... deve ser um chamamento direto de Deus.

Os dois Cavanis deram exemplo duma liberdade interior: pois foi rio Carnaval, que o Pe. Marcos sentiu a maior alegria de sua vida. Deixou algo de importante CONSCIAMENTE por Cristo.

A visão completa da caridade mostra que é possível amar a todos, sem preferir ninguém. A caridade consegue o abraço do Imperador e do gondoleiro do Canal Grande. Conquista o Papa e um menino de rua em Veneza. A caridade é substancialmente divina... Enfim, caridade e céu são a mesma realidade! E os dois leões de Veneza trouxeram a novidade do céu, pela caridade.

***Vista aérea parcial do Cenáculo Cavanis em Castro, PR.**



O Cenáculo Cavanis é uma estrutura situada em Castro-PR, dotada de amplo espaço interno (quartos, capelas, refeitório, auditório) e externo (campo, lagoa, bosque, gruta, trilhas e estacionamento); Com capacidade de hospedar até 100 pessoas.

A Caridade chegou ao Brasil...

Quantas Congregações Religiosas já aportaram no Brasil, desde o seu descobrimento no ano de 1500? Dezenas e mais dezenas.

Cada qual marca os seguidores conforme o seu carisma. Se você visita trinta anos a fio uma igreja franciscana, certamente o “po-verello de Assis” o terá conquistado espiritualmente e você mostrará algo de São Francisco ao próximo.

Se você freqüentar regularmente a missa aos domingos num Mosteiro de São Bento, necessariamente levará consigo algo do carisma beneditino. E a liturgia será o seu alimento.

Se um dia fizer o retiro espiritual com um padre Jesuíta, certamente contactará intimamente com Cristo, que será a plenitude de sua vida...

Se você entrar na espiritualidade dominicana, certamente conhecerá os “voos panorâmicos” de Santo Tomás de Aquino...

Em 1968 chegam ao Brasil os Padres das Escolas da Caridade, conhecidos como *Padres Cavanis*.

E se você falar com um Padre Cavanis, que vive aqui no Brasil, notará que sua face,

seu jeito de falar e agir refletem caridade... Terá trazido para perto de você um pouco da caridade do céu... E verá que o céu está muito mais perto de você, do que você pensava...

Conhecendo mais sobre o Carisma Cavanis

*Entrevista com o Padre Pietro Fietta CSCh
(Ex-Superior Geral)*

Qual o Carisma da Congregação?

Pe. Pietro - Viver a Caridade para com Deus e com o próximo, exercendo junto aos jovens os deveres, não tanto de mestre quanto de pai, colaborando com a ação educativa da família.

Qual o nome exato da Congregação?

Pe. Pietro - Congregação das Escolas de Caridade — “Instituto Cavanis”.

Qual a finalidade da Congregação?

Pe. Pietro - Acolher com amor paterno crianças e jovens, educá-los gratuitamente, protegê-los com vigilância solícita, formá-los dia a dia na inteligência e na piedade de maneira que eles alcancem a estatura da plenitude de Cristo e

possam dar sua contribuição para o crescimento da Igreja e para o bem da sociedade.

Ministrar Exercícios Espirituais a jovens e adultos, para favorecer a continuidade da formação, a revisão de vida e a conversão a Deus.

Quando chegaram ao Brasil e onde?

Pe. Pietro - Em 28 de novembro de 1968, os religiosos italianos Pe. Donati, Pe. Merotto e Pe. Giusti chegaram em terras brasileiras e se estabeleceram na cidade de Castro-PR.

Em que países os religiosos Cavanis estão presentes exercendo o carisma?

Pe. Pietro - Atualmente (ano 2019) exercemos nosso carisma através de escolas, seminários, comunidades paroquiais e casas de exercícios espirituais, e estamos presentes na: Itália, Brasil, Equador, Colômbia, Bolívia, Filipinas, Congo RDC (República Democrática do Congo), Romênia, Moçambique e Timor Leste.

Para as jovens vocacionadas, existe o ramo feminino da Congregação Cavanis?

Pe. Pietro - Sim, temos as Irmãs do Santo Nome de Deus - Irmãs Cavanis, elas vivem o mesmo carisma que o ramo masculino se de-

dicando também à educação das crianças e jovens.

Onde está a sede geral da Congregação?

Pe. Pietro - Nossa “Casa Mãe” se localiza na Via Dorsoduro, 898 - VENEZA onde se encontra ativa a escola iniciada por nossos Fundadores e a Cúria Geral dos *Padres Cavanis* se encontra na Via Casilina, 600 - ROMA.

Como está o processo de Beatificação?

Pe. Pietro - A declaração da heroicidade das virtudes dos Padres Antônio e Marcos Cavanis, teve lugar no dia 16 de novembro de 1985 e logo teremos a alegria de vê-los Beatificados para tê-los como exemplos estimulantes para todos os que se dedicam à educação da juventude.

Oração aos Veneráveis
Padre Antônio e Padre Marcos Cavanis

Deus Pai sempre admirável em teus santos,
te suplicamos de glorificar os Veneráveis irmãos,
Padre Antônio e Padre Marcos Cavanis.
Estes “*Verdadeiros Pais da Juventude*” nos deram
o exemplo heróico de renunciar a uma carreira
privilegiada e à riqueza, para abraçar alegremente
a pobreza e enriquecer cada jovem com
a ciência e o amor de Cristo.

Concedei-nos a coragem de imita-los no
empenho generoso e na serena certeza que o teu
amor de Pai não abandona jamais quem se
entrega à Tua Providência. De modo especial
te suplicamos de nos conceder, por intermédio
deles a graça que com fé te pedimos
(*apresente seu pedido...*).

Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

* * *

Para quem obtiver graças por intercessão dos
Veneráveis Padres Antônio e Marcos Cavanis,
pedimos que comunique à Cúria Provincial.

Província Antônio e Marcos Cavanis - Brasil
Rua Antônio Rolim de Moura, 1490 - Caixa Postal 25
CEP 84165- 580 - Centro - Castro-PR
Fone (42) 3233-3464 - www.cavanis.org.br

Um brasão é um símbolo, é uma interpretação do passado e descortina o futuro.
É vida que continua!



Padre Antônio e Padre Marcos Cavanis
- OS DOIS CIPRESTES - enraizados no amor da
Santíssima Trindade - AS MONTANHAS - recordam
que Deus vê e provê - POMBA E NINHO.

**Deus é pai de infinita bondade, por isso Nele
e somente Nele a nossa confiança:
SOLA IN DEO SORS.**